

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA
LET 1528 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II



ALGUNS TRAÇOS SOCIOLINGUÍSTICOS DO FALAR GOIANO

MARIANY FERREIRA SILVA

GOIÂNIA

2021

MARIANY FERREIRA SILVA

ALGUNS TRAÇOS SOCIOLINGUÍSTICOS DO FALAR GOIANO

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina LET 1528 – Trabalho de Conclusão de Curso II da Escola de Formação de Professores e Humanidades do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a avaliação.

Orientadora: Prof.^a Edilene Maria de Oliveira

GOIÂNIA

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Gostaria de agradecer e dedicar essa dissertação às pessoas que inspiraram meu projeto de pesquisa e me apoiaram em cada passo da minha vida acadêmica. Minha mãe, minhas avós e meu marido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui. E a minha mãe Fabricia Ferreira, que sempre batalhou muito para que eu pudesse manter meus estudos e está realizando o sonho de ver a filha prestes a concluir o ensino superior.

A minha avó, Dona Maria Aparecida, que passava as noites me esperando com a comida pronta e se empenhou em coletar o máximo de expressões goianas em uso possíveis. E a minha saudosa bisavó Floriana Lina da Silva, minha grande inspiração; dona da linguagem mais fascinante e que infelizmente não esperou para poder ser minha principal fonte de coleta.

Agradeço ao meu marido, companheiro de vida, amigo e tudo que eu preciso para ser feliz. Gustavo Milhomem, obrigada pelo apoio e por ser o amor da minha vida!

Obrigada Beatriz, minha afilhada e primeira aluna, a minha tia e madrinha Patrícia e aos participantes da pesquisa que permitiram que eu entrasse e explorasse um pouco de seus desejos e seus conhecimentos linguísticos. Agradeço a minha cunhada, amiga e colega de classe Shirley e a minha amiga poetisa Yasmin Kimberlyn, sem vocês a universidade não seria a mesma.

Agradeço a cada professor que me inspirou a chegar até aqui e me tornar professora. E quero que saibam o quanto vocês são incríveis. Em especial a minha orientadora Prof. Edilene Maria de Oliveira que me apresentou a Sociolinguística e me fez me apaixonar pelo tema.

Sou imensamente grata a todos!

“Inseridos nesse universo temático desenhado pela Sociolinguística, alguns fatores merecem destaque: a identidade social do emissor ou falante, a identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social e o julgamento social distinto que os falantes fazem diante de seu próprio comportamento linguístico, dentre outros. O caráter interdisciplinar da Sociolinguística faz dela, também, uma ciência rica em abordagens para seu campo de estudos e análises”.

(Wilian Dal Ponte e Ernani César de Freitas).

RESUMO

Nosso principal instrumento de investigação, está pautado na língua, sua variabilidade e os fatores sociais que nela interferem. Ela é viva, um produto e uma das necessidades primordiais para o desenvolvimento humano. Aqui observamos fragmentos desse fenômeno em realização e apontaremos suas causas e seus condicionadores.

Analizamos a linguagem em sua forma informal, observando fatores determinados pela Sociolinguística, suas variações linguísticas, por elementos sociais, e seu ensino. Assim, associamos as abordagens teóricas pré-existentes e sistematizadas aos resultados pretendidos pela investigação de dados.

Visto que tal assunto se trata de uma substância básica para a compreensão da linguagem e da língua portuguesa como um todo; foram abordadas noções teóricas e construções básicas de definições sobre o sujeito goiano e sua cultura. Assim como, conhecimentos eficazes para o ensino de tal conteúdo relacionado aos Parâmetros Nacionais Curriculares, que se compõem como norteadores a professores, no quesito ensino-aprendizagem em língua portuguesa.

Palavras-Chaves: Língua Portuguesa. Falar Goiano. Sociolinguística. Pesquisa. Variações Linguísticas.

ABSTRACT

Our main research instrument is based on language, its variability and the social factors that interfere with it. It is alive, a product and one of the primary needs for human development. Here we observe fragments of this phenomenon in progress and we will point out its causes and conditioners. We analyze language in its informal form, observing factors determined by sociolinguistics, its linguistic variations by social elements, and its teaching. Thus, we assimilate pre-existing and systematized theoretical approaches to the intended results of data investigation. Since this subject is a basic substance for understanding the language and the Portuguese language as a whole; theoretical notions and basic constructions of definitions about the Goiás subject and its culture were addressed. As well as effective knowledge for the teaching of such content related to the National Curriculum Parameters, which are composed as guides for teachers, in the teaching-learning issue in Portuguese.

Keywords: Portuguese language. Speak goiano. Sociolinguistics. Search. Linguistic Variations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I	11
2. DA LÍNGUA ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS.....	11
2.1 Sociedade e Linguagem	11
2.1.2 Sociolinguística	19
2.1.3 Variantes	22
2.2 Interposição social no meio linguístico	25
2.3 Mudança na língua	26
CAPITULO II	29
3. DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA INVESTIGATIVA	29
3.1 Aspectos sobre a sociedade goiana	29
3.2 Metodologia de investigação	32
3.3 Elementos de análise	34
CAPITULO III	40
4. REFLEXÕES SOCIOLINGUÍSTICAS	40
4.1 Análise dos elementos e participantes do estudo	40
4.2 Expressões coletadas	46
4.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso dedica-se a um estudo fundamentado na Sociolinguística, voltado a análises pragmáticas e aos fatores predominantes em específicos níveis de uso da linguagem. Se designa a temática: “variação de expressões presentes no diálogo de indivíduos de origem goiana”. Em virtude disso, serão analisados aqui dialetos de pessoas que nasceram e residem na capital e no interior do estado de Goiás.

O “goianês” é uma linguagem cativante e paralelamente intrigante; nela podemos perceber um código de expressões próprias empregadas por goianos das mais variadas faixas etárias. É relevante, pois trata-se de um estudo aprofundado das variantes presentes no falar goiano ao decorrer do tempo, a partir de uma linha cronológica onde é possível observar a herança linguística reproduzida a tal corpo social. E é aqui que nasce a monografia: na variação hereditária da linguagem goiana em conformidade com índices sociais que desempenham influência sobre esse dialeto.

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social ou diastrática. Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são o *grau de escolaridade*, *nível socioeconômico*, *o sexo/gênero* e *a faixa etária*. (COELHO, 2015, P.41).

A dissertação se divide em três capítulos: “Introdução aos estudos”, “Investigação e análise de dados” e “Resultados de desenvolvimento investigativo”, sendo o primeiro para explorar concepções e definições sobre a linguagem, sociedade e a sociolinguística. O segundo para percorrer as etapas realizadas para o presente trabalho, como: os elementos de análise (integrantes do estudo e localização), aspectos sociais, metodologia investigativa, dados sobre a entrevista e amostras de manifestações do falar goiano. E, por último, o capítulo três, que apresenta a análise de resultados, o desenvolvimento da tese e a conclusão investigativa.

CAPÍTULO I

DA LÍNGUA ÀS INTERAÇÕES SOCIAIS

1 - SOCIEDADE E LINGUAGEM

Quando pensamos em relação à vinculação que diz respeito a sociedade e linguagem, fechamos os olhos e automaticamente podemos ver membros de uma sociedade se relacionando entre si. Palavras como comunicação, interação, convívio e discurso nos remetem essa relação mútua entre indivíduos de um mesmo círculo.

Os usuários de uma língua utilizam para isso um processo social chamado, comunicação. Se comunicar quer dizer transmitir, partilhar ou sinalizar a outro indivíduo uma mensagem (seja ela por meio da fala, da escrita, gestos ou símbolos).

A comunicação é uma maneira do sujeito se relacionar com o mundo a sua volta, afinal a língua é um fato social que permite a interação entre indivíduos de uma sociedade. Para isso a comunicação utiliza de alguns elementos: o emissor que é qualquer ser que emita uma mensagem; o receptor que é aquele que recebe a mensagem e a interpreta conforme sua experiência e visão de mundo; a mensagem que se baseia na informação que será partilhada; e o meio ou canal, que é o instrumento pelo qual é compartilhada a mensagem (televisão, livros, fala, músicas e etc).

Acabamos de ver que a língua constitui uma instituição social, mas ela se distingue por vários traços das outras instituições políticas, jurídicas etc. Para compreender sua natureza peculiar, cumpre fazer intervir uma nova ordem de fatos. A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares e etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. (SAUSSURE,2006)

Vale lembrar que esses elementos que compõem uma comunicação podem nem sempre chegar ao receptor da maneira que o emissor planeja, isso se deve à interferência que essa comunicação pode sofrer na fase de interpretação da mensagem, baseada no íntimo daquele que a recebe. Outro fator que conta muito é o contexto em que a comunicação se estabelece, por exemplo, se você diz a alguém “aquela manga está rosa”, se o emissor e o receptor estão em uma lavanderia, pode

entender-se que a manga da qual o emissor está falando é a manga de uma roupa; porém se estiverem em uma fazenda e a mesma expressão for utilizada, entende-se que a manga a qual a mensagem se refere é a manga referente a fruta presente no pomar que está rosa e madura. A maneira como tal frase é pronunciada e sua entonação também podem intervir no artifício da compreensão daquilo que foi dito.

A sociedade é um conjunto de seres que habitam em uma mesma comunidade de maneira sistematizada. De forma significativa a sociedade é aquela na qual cada indivíduo tem um papel e uma responsabilidade a ser aplicada. Por exemplo, a sociedade de trabalhadores do transporte rodoviário brasileiro, especificamente presente em uma transportadora localizada na região norte de uma capital. Dentro de tal transportadora temos uma pequena porcentagem dessa sociedade, abrangendo 267 trabalhadores; para que as mercadorias sejam coletadas, transportadas e entregues aos seus respectivos destinos é preciso que cada membro dessa sociedade exerça uma tarefa específica e distinta; ou seja, que a recepcionista atenda ao telefone e repasse a ligação para a pessoa correta para a resolução do problema do cliente; que o motorista dirija sob uma estrada específica e com determinado tempo de execução de rota para que a mercadoria seja entregue dentro do prazo previsto; que o remetente verifique o endereço exato de destino antes de entregar a mercadoria para a transportadora em questão; que o controlador de tráfego trace a rota que irá proporcionar mais agilidade de entrega; as vendedoras entrem em contato com os clientes e vendam os fretes; que o financeiro verifique as possíveis pendências que existam no CNPJ do cliente. Caso qualquer um desses indivíduos deixe por tempo indeterminado de cumprir suas obrigações especificadas, as coisas irão sair do controle. Sendo assim, a sociedade em questão irá sofrer um déficit, podendo atingir até mesmo um estado de regressão.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, tal como seria, e como já vimos antes, se os motoristas de caminhões resolvessem todos se afastar do posto e não realizar mais nenhuma viagem e nem transportar nenhuma mercadoria. Embora não pensemos no real impacto que isso estabeleceria, posso afirmar uma coisa: a qualidade de vida iria diminuir e a taxa de mortalidade tenderia a aumentar. Danos na economia, no mercado de trabalho e na saúde. Uma vez que sem o trabalho dos caminhoneiros, não poderíamos modificar e nem transferir nenhum bem para

consumo - hospitais ficariam sem utensílios de operação, comunidades inteiras passariam fome, pessoas iriam morrer mais rápido sem remédios e tratamentos.

Teríamos que nos contentar a sobreviver só com o que já temos hoje. E se caso uma rede elétrica viesse a precisar de reparos teríamos de torcer para que em nossa região tivesse recursos disponíveis. O que quero dizer é que a sociedade é como um mecanismo, onde seus indivíduos se apoiam para poder manter seu funcionamento.

Uma sociedade é um grupo que estabelece entre si um vínculo, seja ele um determinado espaço, um determinado período, uma crença, cultura, um desejo, tipologia, gênero, ou no caso: um determinado estado (espaço geográfico).

É determinante que “O conceito de sociedade e linguagem está ligado desde o início dos tempos”. Estudiosos mostram em investigações científicas que para que uma sociedade se desenvolva é necessária interação social e para tal fim necessita-se da linguagem.

Como veremos, esse desenvolvimento se inicia no momento em que nascemos e avança até o nosso último suspiro enquanto cidadãos de uma sociedade. Em conformidade com a interação com nossa família, nossos pais, nossa casa e o ambiente onde somos inseridos.

O processo de aquisição da língua é uma etapa muito importante para qualquer ser que venha a depender de outro para sobreviver. A linguagem é um aspecto extremo para aprendizagem, comunicação e práticas sociais e culturais. O ser humano é a mais flexível e criativa criatura quanto à linguagem, se apoiando em normas gramaticais; usadas para discursar, argumentar, demonstrar emoções, ideias e desejos.

A linguagem é um processo individual e social, uma das primeiras formas de socialização de uma criança; essa flexibilidade é instigada desde cedo. Uma hora ou outra a criança é instruída pelos pais a verbalizar (como quando a mãe fala para criança "mamãe" e repetidamente pronuncia a palavra para que a criança aprenda a falar), aqui se dá o início dessa obtenção de fala; a partir dessa verbalização feita por aqueles que já conquistaram sua própria linguagem, há o início da memorização do som e futuramente sua repetição.

Assim como no princípio de comunicação, para atingir seu aprendizado pleno, serão necessários um emissor e um receptor, podendo envolver nessa comunicabilidade aspectos não-verbais, verbais, sociais e ambientais, assim como, o conteúdo, a forma de emissão, situação, capacidades cognitivas e a razão da linguagem. A criança em fase de aquisição linguística começará a perceber no discurso também emoções; ela desenvolverá a competência de saber quando seus pais estão lhe chamando a atenção, quando estão tristes, bravos ou alegres.

Há também aspectos para aquisição da linguagem que são empecilhos, que fazem com que o indivíduo não consiga concluir a aquisição da língua, sendo eles: aspectos biológicos, aspectos psicológicos, aspectos sociais, saúde física e emocional, maturação cognitiva e neuro motora, habilidades auditivas e vocálicas.

É interessante considerar e enfatizar que para Piaget, Vygotsky e Maturana as ações possuem papel essencial para aquisição e desenvolvimento da linguagem, sobretudo por elas constituírem-se fundamentalmente por emoções e afetividade decorrentes e/ou proporcionadas pelas e desde as primeiras interações e experiências de um indivíduo com outros indivíduos (geralmente por seus cuidadores) e com o mundo em que vive ao longo de todo seu desenvolvimento, já que é pela emoção (identificada em si mesmo, em outros indivíduos e até em animais), que o homem constrói sua história, a qual promove mudanças no próprio corpo e no curso das ações desempenhadas, e cuja expressão se dá na e através da linguagem, o recurso psíquico tipicamente humano por meio do qual as experiências das relações estabelecidas são organizadas. (SENRA, MIRANDA, 2012)

Outro aspecto desenvolvido nessa fase é a competência do sistema fonológico: a percepção de sons e palavras produzidas pelo indivíduo. Essa fase de aquisição de sons e palavras vai desde o nascimento até os sete anos de idade de um sujeito; dos 3 aos 6 meses o sujeito fala "sua própria língua"(fonemas que não fazem sentido para nós); dos 10 aos 12 meses observamos as primeiras palavras e em alguns casos frases. De um ano e meio aos quatro anos de idade acontece uma expansão e uma evolução da linguagem; a criança passa a produzir diferentes fonemas, a combinar, substituir e estabilizar o processo fonológico, que dura até por volta dos 7 anos. Essa aquisição se divide em duas fases: a pré-linguística e a linguística

As mesmas autoras, ao explanarem a respeito do desenvolvimento da linguagem afirmam que antes das primeiras palavras serem pronunciadas há uma fase denominada pré-lingüística. Esta fase é caracterizada pela emissão de sons que progridem do choro e da produção de fonemas como “ahhh” ou “gritinhos”, para os balbucios, gestos e imitação de sons embora não haja compreensão dessa imitação. Há um repertório de sons sequenciais em padrões que soam como linguagem, mas que parecem não possuir significado. Ao longo desse período os bebês desenvolvem a habilidade de reconhecimento e de compreensão dos sons da fala e a capacidade de utilização de gestos com significado, e apenas no final do primeiro ano dizem a primeira palavra. Vale ressaltar que a fase pré linguística é rica em expressão emocional. (SENRA, MIRANDA, 2012)

A aquisição da sintaxe pelas crianças é um assunto de suma importância, já que é quando elas começam a produzir enunciados verbais estruturalmente lógicos. Até os 6 anos elas escutam palavras, as memorizam e repetem, embora já saibam o significado de alguns elementos de comunicação, seu conhecimento e capacitação para utilizá-los ainda possui limitações; e são essas memórias e o ato de repetição que vão permitir essa aquisição de sintaxe. A utilização dessas palavras com o tempo vai sendo compreendida pelas crianças e obtendo uma significação.

A maneira mais comum de manifestação da linguagem é por meio da fala que segundo Slobin em sua obra “Psicolinguística” se trata de “produzir sons significativos” e ressalta que a “fala é um comportamento”. Tal comportamento se inicia com a aquisição da língua materna, a língua de maior dominação do indivíduo, a primeira língua a qual ele tem acesso e aprende a utilizar.

Um falante nativo é um indivíduo que aprendeu aquela língua desde criança e tem como língua materna ou primeira língua. Caso classifiquemos o falante como sendo nativo, podemos afirmar se tal pessoa partilha da mesma variante regional daquela língua. Não precisamos nem mesmo ver um falante para determinar a sua idade ou sexo, e talvez seu grau de educação. Isso pode ser facilmente atestado quando atendemos a um telefonema. Podemos também precisar se o falante é um estrangeiro que tem a língua em questão como segunda língua. Na grande maioria dos casos, falantes de uma segunda língua têm características de sua língua materna transpostas para a língua aprendida posteriormente. Tem-se, portanto, o “sotaque de estrangeiro” com características particulares de línguas específicas. (CRISTÓFARO, 1999)

A linguagem se trata de uma faculdade natural que permite a constituição de uma língua. Uma língua é um produto social da faculdade da linguagem, adquirido pelo convívio do indivíduo em sociedade.

Tânia Maria Alkmin na primeira parte, do primeiro volume da obra de Fernanda Mussalim e Anna Christina, chamada "Introdução à linguística: domínios e fronteiras" pontua que, a "Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável" e complementa: "...a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém".

A linguagem noutro tempo já era aplicada; animais produzem sons significativos uns aos outros para emitir desde o perigo de um predador a vista, até a localização de alimentos, tempestades ou abrigos. Animais como o cachorro, por exemplo, se comunicam de forma auditiva, seja uivando, latindo ou por meio do olfato que explica a marcação de território, ou o abanar do rabo quando se sente feliz. A cigarra canta para alertar sobre a chuva e o tempo frio; os pássaros cantam para apontar a mudança de estação ou para se comunicar com seu bando. Toda comunidade de animais tem sua própria linguagem.

A espécie humana vem se comunicando desde que sentiram a necessidade de comunicação e interação, seja por gestos, grunhidos, gritos, pela fala, por posturas e desenhos. A partir dessa necessidade a língua como instrumento de comunicação foi adquirindo cada vez mais espaço, possibilitando uma comunicação completa entre emissor e receptor; um canal de propagação que tornou possível que os indivíduos não se comunicassem somente entre si, mas também com outros grupos e tribos.

Mais à frente surgiram esquemas de escrita como: pictografia (com a qual os povos sumérios escreveram nas paredes das cavernas com tintas), a "escrita sagrada" dos egípcios, a escrita cuneiforme e a tipografia. Foram criadas novas línguas e linguagens, assim como gestos, sinais, e mudanças orais e estruturais. Tais aspectos possibilitam o desenvolvimento do ser humano desde os primórdios até a contemporaneidade. E para falar de relação linguagem e sociedade é necessário levar em conta razões de natureza histórica, um meio pelo qual os estudiosos estudam os fenômenos linguísticos.

Lev Vygotsky, psicólogo e pensador russo, vislumbrava a evolução humana e intelectual como fruto das interações sociais e condições de vida; ele acreditava que o aprendizado só se concretiza ao estabelecermos interações com outros seres humanos. Somos o produto da interação social e cultural.

Conforme podemos ver na obra de Ana Mercês Bahia Bock, "A Vygotsky e a psicologia sócio-histórica". In: Psicologia - uma introdução ao estudo da Psicologia", seus princípios teóricos se baseiam na ideia de que "A linguagem e o pensamento humano têm origem social. A cultura faz parte do desenvolvimento humano e deve ser integrada ao estudo e à explicação das funções superiores" (BOCK,2010)

O teórico segue uma linha de raciocínio pertencente às noções de psicologia sócio-histórica no Brasil. Para a Psicologia Sócio-histórica, "não há como se saber de um indivíduo sem que se conheça seu mundo". Ao analisar um indivíduo, e em especial sua comunicação e linguagem, é recomendado que se conheça seu ambiente, suas condições e sua sociedade.

O homem é um ser ativo, social e histórico. É essa sua condição humana. O homem constrói sua existência a partir de uma ação sobre a realidade, que tem, por objetivo, satisfazer suas necessidades. Mas essa ação e essas necessidades têm uma característica fundamental: são sociais e produzidas historicamente em sociedade. As necessidades básicas do homem não são apenas biológicas; elas, ao surgirem, são imediatamente socializadas. Por exemplo, os hábitos alimentares e o comportamento sexual do homem são formas sociais e não naturais de satisfazer necessidades biológicas. (BOCK, 2010)

Se o desenvolvimento do homem se dá com sua interação com a comunidade em que vive, devemos levar em conta que tal grupo social está sempre em estágio de mudança. "A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida".

"A linguagem é instrumento fundamental nesse processo e, como instrumento, também é produzida social e historicamente, e dela também o homem deve se apropriar". (BOCK, 2010)

A linguagem materializa e dá forma a uma das aptidões humanas: a capacidade de representar a realidade. Juntamente com a atividade, o homem desenvolve o pensamento. Através da linguagem, o pensamento objetiva-se, permitindo a comunicação das significações e seu desenvolvimento. (BOCK, 2010)

Uma parte essencial da linguagem é sua exposição e compreensão. A semiótica irá estudar os signos linguísticos que possuam algum significado e sentido

para o ser humano, buscando entender como o indivíduo consegue interpretar e atribuir sentido ao ambiente em que vive, sua sociedade e a forma como se relacionam.

Através dela podemos interpretar palavras que formam um texto linguístico e atribuir a ele significado para as sequências de palavras. Analisar todas as coisas que são significativas para o ser humano.

Saussure em sua obra “Curso de linguística geral” revela que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” a do significado e do significante; “visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário.”, logo o signo linguístico depende apenas da ligação entre determinado significante e significado; por exemplo “casa” tem como significante, sendo de natureza auditiva, com os fonemas /k/ /a/ /s/ /a/, que se referem ao significado, uma estrutura composta de paredes e teto onde pessoas se abrigam.

Mais um exemplo muito importante de linguagens que podem ser analisadas pela semiótica: é a linguagem verbal e a linguagem não-verbal.

Contudo, é importante salientar que a linguagem não consiste apenas na comunicação e transmissão de ideias pelas palavras, que são cruciais no desenvolvimento cognitivo, mas também na comunicação não verbal, isto é, em gestos e as ações, movimentos que expressam emoções sociais. (Papalia & Olds, 2000)

A linguagem verbal corresponde à linguagem expressa por escrito ou de modo verbal, utilizada no dia a dia em revistas, livros, comerciais, conversas casuais, palestras e conversas virtuais. Já a linguagem não-verbal se expressa por meio gestos, símbolos, imagens, expressões faciais ou corporais, entre outras, muito utilizadas cotidianamente em uma série de ambientes diferentes, como nas placas de trânsito, no sinaleiro, na expressão facial de raiva, de choro ou felicidade, na piscadela de olho para chamar a atenção de um garoto e até mesmo no estalo dos dedos quando queremos dizer que algo aconteceu “a muito tempo”.

A linguagem pode também se dividir em formal/padrão/culta que se designa em conformidade com as normas cultas de uma língua, em que são predominantes

fatores como rigorosidade e gramática; presente em documentos oficiais, conferências, provas, universidades, lugares que necessitam de um nível maior de formalidade.

E informal como o próprio nome já diz, (prefixo in-) que corresponde a negação de algo que seja formal; chamada também de coloquial, a linguagem informal é utilizada em sua maioria com familiares e amigos, abrangendo pronúncias simples, gírias e expressões típicas, sem limitações.

SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística, um dos nossos principais objetos de estudo, é uma área da linguística que estuda nossa língua pautada na sociedade em que vivemos e por essa razão foi adotada como base de fundamentação teórica. Sua maior preocupação é a variação e mudança ocasionada na língua; assim como, seus condicionadores, níveis de análise, pesquisa, fala e escrita.

Maria Cecilia Mollica, em “Sociolinguística: conceituação e delimitação”, presente na obra “Introdução à sociolinguística variacionista”, aponta que:

é impossível desvincular a língua de sua função-comunicativa (...) entende-se então a Sociolinguística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos concretos da língua. (MOLLICA,1996)

E acrescenta:

“A sociolinguística focaliza como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA,1996)

Para a pesquisa desenvolvida será necessário que se aprofunde na subárea que é a sociolinguística para o aproveitamento no desdobrar-se da construção estrutural da tese. É significativo frisar o vínculo estabelecido entre a linguagem, o

homem e a sociedade. Onde a formação e evolução do ser humano ocorre a partir da possibilidade de comunicação e transferência de mensagens.

Sem essa comunicação e essa linguagem não seria possível tamanho avanço, como observamos hoje. A falta delas ocasionaria a inexistência de comunidades, laços familiares e até mesmo a sobrevivência humana. Graças à necessidade do ser humano de interagir e se comunicar, tal feito não foi realizado e temos uma sociedade com inúmeros habitantes, eletricidade, condições de vida, internet e acesso a utilidades que facilitam a vida e o dia a dia do indivíduo.

A sociolinguística, leva em conta em seus estudos um aspecto muito interessante na língua: a variação. Ela se divide em sociolinguística variacionista, sociolinguística laboviana, sociolinguística quantitativa e a teoria da variação e mudança linguística. Iremos trabalhar com a primeira "a sociolinguística variacionista" com base na última "a teoria da variação e mudança linguística" e tendo como principal objeto de estudo a linguagem.

"A teoria da variação linguística capta exemplares da língua em uso no contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesse imediato para esses condicionamentos externos" (COELHO,2015)

As variações linguísticas são subdivisões representativas de uma língua, que se manifestam por meio da pronúncia particular de determinado fonema, como o R dos goianos ou expressões representativas, que não obedecem regras específicas para utilização que podem se distinguir de acordo com determinados grupos: sociais (diatráticas) engloba aspectos de seus usuários como: idade, sexo, profissão, classe social, religião, sexualidade e nível de escolaridade (está relacionado ao grupo social em que o sujeito se insere), regionais (diatópicas) que são variações influenciadas pelo espaço geográfico que o falante ocupa , as variedades históricas (diacrônicas) são encontradas em textos literários antigos ou documentos, são expressões que eram utilizadas no passado e caíram em desuso ao longo do tempo e estilísticas (diafásicas) são aquelas que utilizam de uma adequação de nível de linguagem conforme a situação em que se inserem.

Consideram-se com frequência as mudanças fonéticas como uma adaptação às condições do solo e do clima. Certas línguas do Norte acumulam as consoantes, certas línguas do meio-dia fazem emprego mais amplo das vogais, donde seu som harmonioso. O clima e as condições de vida podem bem influenciar a língua, mas o problema se complica tão logo se entrar no pormenor: assim, ao lado dos idiomas escandinavos, tão carregados de consoantes, os dos lapões e dos finlandeses são mais vocálicas que o próprio italiano. Observar-se-á também que a acumulação de consoantes no alemão atual constitui, em muitos casos, um fato assaz recente, devido a quedas de vogais postônicas; que certos dialetos do meio-dia da França têm menor aversão que o francês do Norte pelos grupos consonantais que o sérvio apresenta tantas consoantes quanto o russo muscovita etc.' III. Fez-se intervir a lei do menor esforço, que substituiria duas articulações por uma só, ou uma articulação difícil por outra mais cômoda. Esta ideia, diga-se o, que se disser, merece exame: ela pode elucidar a causa do fenômeno em certa medida, ou indicar pelo menos a direção em que cumpre investigar. (SAUSSURE,2006)

Nos atentarmos ao fato de usuários da língua em nosso país falarem a língua portuguesa, mas observa-se que, embora grande maioria fale a mesma língua, existem algumas características que diferenciam a fala de determinado grupo social da fala de outro grupo. Atribuimos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo. A linguagem utilizada e dividida conforme seu aspecto territorial, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade de manauara e a variedade da zona sul da cidade de Maceió; fundamentado a partir de critérios sociais, em que conseguimos pensar, por exemplo, na variedade na fala dos falantes mais escolarizados, dos falantes mais jovens e na variedade na fala das mulheres; é plausível também optar, outros critérios, como a ocupação/profissão (a variedade na sala de advogados, por exemplo) ou algum hábito que unifique os falantes (a variedade dos falantes que acessam determinada rede social na internet com frequência, por exemplo). A língua “revela o uso particular que grupos ou classes de homens fazem dela(..) e as diferenciações que daí resultam no interior de uma língua comum” (ALKMIN,2001), uma mesma língua - o português, e variações - o goianês, o tocaninense e manauense.

Veremos agora alguns exemplos da variação linguística presente no dialeto brasileiro. Pão é um alimento feito com trigo muito consumido por brasileiros no café da manhã, no lanche da tarde e também na produção de sanduíches; no rio grande do sul os usuários da língua o chamam de “cacetinho”, no Ceará chamam de “carioquinha” e pelos cariocas é chamado de “pão de sal”. Quem nunca estava

olhando postagens de uma rede social e viu um post dizendo “como se chama isso na sua cidade?” Mandioca, aipim, macaxeira, uaipi, pão de pobre ou maniva. Sacolé, juju, geladinho ou laranjinha.

A matéria é um novo ato fônico e um novo ato psicológico. O vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia nem na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da verdadeira natureza das unidades linguísticas. (SAUSSURE,2006)

Trabalharemos aqui com a "variedade goianiense" com a "variação de gênero", a fala do homem e da mulher, "a variação etária", em que levaremos em conta a idade do sujeito e a "variação de escolarização" que analisaremos conforme o nível de escolaridade do usuário. E levantaremos o tema: preconceito linguístico, declarado sobre o dialeto goiano e goianiense.

"Gostaríamos de ressaltar que toda e qualquer variante de uma língua é adequada linguisticamente e é inapropriado dizer que há variantes piores ou melhores". (COELHO, 2015)

VARIANTES

Variante é a representação das possíveis formas de realização de determinado alvo de mudança. Segundo a teoria da variação linguística, as variantes são as múltiplas maneiras de expressar com o mesmo valor significativo uma determinada expressão. Um grupo dessas variantes pode ser chamado de “variante linguística”.

“Dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes:
1 - Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto;
2 - Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional.”
(COELHO 2015)

Thais Cristófar, em sua obra “Fonética e fonologia do português”, cita que utilizaremos “o termo "variante" para caracterizar as propriedades linguísticas

compartilhadas por um grupo específico de falantes. Temos, assim, variantes etárias, variantes geográficas, etc”, podendo se dividir em padrão, não padrão e de prestígio, podendo ser estigmatizada, conservadora ou inovadora.

Serão apresentados os resultados da pesquisa sobre as variantes encontradas na coleta de dados conforme a variação social dos seguintes aspectos: faixa etária, gênero e escolarização.

As variantes etárias são as propriedades linguísticas utilizadas por um grupo de indivíduos que possuem a mesma faixa etária. “Note que pessoas mais idosas, por exemplo, são mais propensas a pronunciar o r no final dos fonemas infinitivos dos verbos (cantar), ou s nos plurais de substantivos (meninos)”, ou seja, pessoas com mais de 60 anos de idades têm mais propensão a utilizar os verbos dessa forma, enquanto jovens “tendem a omitir estes sons nestes contextos (“cantá” e “os meninos”).

As variantes de gênero são aquelas utilizadas pelo sexo feminino ou pelo sexo masculino. Por exemplo, “no português mineiro observamos que o diminutivo é recorrente na fala feminina: “Olha que gracinha aquele vestidinho amarelinho!”, termos como “menininho”, “casaquinho”, “casinha” ou “sainha”. Enquanto os homens de sexo masculino não excluem tais termos, mas em sua linguagem há uma ocorrência menor do uso de tais variantes.

As variantes de escolarização condizem com o uso ou desuso da linguagem formal na fala. Por exemplo, o estudioso que teve acesso e oportunidade de estudo, conhecer as normas gramaticais de sua língua e até mesmo de outras. Já a pessoa que não teve o benefício de instruir-se da linguagem formal presente em sua comunidade refletirá isso em sua forma de falar; ela utilizará termos e expressões que obedecem à linguagem adquirida quando ainda era criança, e não irá adaptá-la conforme o grau de formalidade do ambiente. Enquanto, quanto mais alto o grau de escolaridade do indivíduo, maior a chance de ele saber adequar sua linguagem conforme seu ambiente de ação, por exemplo, em uma audiência judicial e em uma conversa entre parentes, esse indivíduo irá utilizar de variantes de prestígio no tribunal (formal) e variantes regionais, culturais e geográficas utilizadas hereditariamente em sua família (informais e formais).

Um bom exemplo de situação de variável estável ocorre com pessoas pertencentes às classes de maior status social e com maior nível de escolaridade, que apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes de classes sociais mais baixas (LABOV, 1982, p. 77-78)

A linha de variação linguística pode ser histórica, geográfica, situacional ou social. A variação com a qual trabalharemos é designada por variação social, o que estuda a linguagem e expressões de determinado grupo ou sociedade. Por exemplo: um grupo de profissionais da área da saúde, grupo de jogadores de futebol, grupo de crianças do quinto ano, grupo de moradores de uma vila ou nossa comunidade de estudo - grupo de indivíduos goianos goianienses. Ao levar em conta a questão goianiense, levaremos em conta que esse grupo de indivíduos está situado no "coração do Brasil" como alguns costumam nomear. E também a variação geográfica, já que Goiás é um estado com determinada localização geográfica do centro-oeste do país.

Após o processo de colonização das terras goianas, exploração e decadência do ouro, Goiás passa a se firmar e junto a isso o goiano", um ser marcado por um intenso período de colonização e que agora tem que se fortalecer com e por suas próprias pernas. Entretanto, é inegável a presença marcante da influência cultural dos povos que passaram pelo estado e que serviram como elementos essenciais na constituição nesse novo período, na goianidade. (COELHO,2015)

Tratando-se a sociolinguística de uma investigação acerca da linguagem em atividade, coletados na realidade das sociedades e da esfera em que habitam - um estudo linguístico no que se refere à sociedade.

2 - INTERPOSIÇÃO SOCIAL NO MEIO LINGUÍSTICO

“E como o ambiente social do indivíduo pode influenciar no ato de fala?”. Primeiramente devemos levar em conta que a fala é uma prática social utilizada como

uma forma de nos relacionarmos com o mundo à nossa volta e, a sociedade que nele reside. E como já vimos anteriormente o sujeito necessita desse meio social para seu próprio desenvolvimento.

Quando um bebê é pequeno e possui cerca de dias ou poucos meses de vida, o carregamos deitados, sua visão é limitada, tem poucos reflexos, e há quem diga ainda que só possuem parcialmente a visão e a audição. A partir dos três meses, o bebê não quer saber somente de ficar deitado naquela posição, quando o seguramos de frente para o mundo a sua volta, ele se enche de curiosidade e passa a observar tudo ao seu redor, as luzes, cores fortes, segue barulhos; com o tempo esse indivíduo começa a desenvolver habilidades comunicacionais e seu instinto social começa a progredir. Ele então passa a chorar quando pego deitado, de forma que ele não consiga “ver o mundo”, por essa razão a posição mais adorada pelos bebês será aquela que permite um relacionamento.

Esse processo de evolução da criança acontece porque seus pais a estimulam a fazer tarefas simples do cotidiano, como, sentar-se, ficar de pé, andar, balbuciar, expressar sílabas individuais (pa, pa; ma, ma; dá; tá;), palavras curtas “água”, “sim” ou “não” e posteriormente palavras mais extensas frases, histórias. O ponto é que, para avançar em tais tarefas, foi necessário que alguém ensinasse ao sujeito como fazer, foi a interatividade com outro ser humano que possibilitou; logo o ato de aprendizagem é o que une a sociedade à linguagem.

Quando você viaja para um lugar e fica cerca de uma semana. Inserido em uma sociedade com culturas diferentes, com um sotaque diferente e expressões típicas dali. Ao se deparar com elas pela primeira vez há um certo estranhamento, até que você aprende o significado de tais expressões, onde são utilizadas e em que sentido podem ser empregadas. E quando conversa com alguém daquela região por algum tempo é natural que comece a inserir seu aprendizado em seu ato de fala. Isso mostra o quanto os seres humanos podem se adaptar aos ambientes em que se inserem, e também a capacidade de aprender uma nova linguagem.

Como falado anteriormente, a linguagem não se trata somente da fala. A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS utiliza em sua estrutura uma linguagem gesto-visual, pela qual pessoas surdas podem se comunicar entre si e também interagir com pessoas ouvintes. E da mesma forma que na língua portuguesa, na LIBRAS também

podemos observar a interposição do meio social na língua. Os sinais pelos quais seus usuários se comunicam refletem o lado simbólico de determinados elementos. Por exemplo, o sinal de casa, se parece muito com a estrutura de uma casa, onde as palmas das mãos de frente uma para a outra, com os dedos inclinados em 90° graus se tocando, um símbolo que retrata o teto e a estrutura de uma casa. Esse sinal é uma representação da própria imagem de uma casa, do ambiente em que a maioria dos indivíduos vive.

O sinal de bebê tem a mesma lógica simbólica. As mãos estruturadas lembram a representação de um indivíduo pegando um neném no colo e o balançando para fazê-lo dormir. É como o sinal de calor, em que se estende o queixo e abana as mãos na vertical na região do pescoço para se refrescar. Nossa mente, ao perceber sinais como esses, busca em nossa fonte de dados (a memória) uma significação para tal gesto, que é atribuído de forma natural.

3 - MUDANÇA NA LÍNGUA

Anthony Julius Naro, no livro “Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação” sob organização de Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga, aponta que “as línguas mudam com o tempo” podendo alterar-se em vários níveis. Tal esfera é atingida em um prazo de longa duração. Primeiramente a língua se altera em sua fonologia, até atingir tamanha utilização de seus falantes em seus discursos, que passa a ser semântica.

Podemos observar essa evolução fonética - semântica em um exemplo bem clichê entre professores de língua para mostrar aos seus alunos como ocorre a evolução da língua; vossa mercê. Observe tal evolução:

VOSSA MERCÊ
VOSSEMÉRCE
VOSS`MERCÊ
VOMECÊ
VAN`CÊ
VONCÊ
VOCÊ

Vossa mercê inicialmente era atribuída a uma pessoa com prestígio. Vossa mercê poderia ter como expressões sinônimas “vossa estimada pessoa”, “respeitosa” e “gratíssima”. O termo “você” é uma atualização fônica do termo anteriormente utilizado para se referir a uma pessoa distinta.

“No caso específico de Vossa Mercê, por ser uma expressão um pouco longa, acabou sofrendo uma simplificação fonética resultante da redução de segmentos e sílabas átonas, originando diversas variantes. Aponta dezoito registros de formas simplificadas de Vossa Mercê, além de você, podendo haver mais: Cê, mecê, mincê, ocê, oncê, sucê, suncê, vacê, vainicê, vancê, vansmincê, vassuncê, voncê, vosmecê, vossemecê, vosmincê, vossuncê, ucê.” (PERES, Edenize, 2006).

Observa-se ao longo dessa transformação a compactação do termo; a junção dos termos originais. Depois o abonamento fonético dos usuários. A tonificação da primeira sílaba a partir do acento circunflexo; uma trajetória de redução fonética até a palavra “você”. E podemos considerar também a variação da palavra como “ocê” e “cê”, que, embora não tenham ocorrido em sua forma estrutural, já vem ocorrendo em 2021 como atualização fonética. Dez letras, uma palavra. Duas letras, *update*.

" São poucos os autores que fazem referência ao uso das formas ocê e cê. Dentre eles, no português do Brasil, Nascentes atestou a existência de ocê em Minas Gerais e em Goiás, fazendo uma rápida menção à existência da forma cê: “Aparece numa frase típica do linguajar da malandragem. Quando um malandro se

lembra de ameaçar outro, este responde Cê é besta. Existe em Goiás” (PERES, Edenize, 2006)

Tal vocábulo é muito utilizado na região central do país. Goiás e Minas Gerais são os estados com maiores índices de ocorrência. Poderemos mais a frente analisar uma porcentagem de discursos que evidenciam tal fenômeno. Nesta vertente, essa progressão na língua se dá devido a fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os fatores linguísticos são aqueles que condizem com uma análise estrutural, a partir de sentenças, classes e linguagem. Enquanto os extralinguísticos condizem, com os aspectos que facilitam a interpretação de determinado texto ou assunto, são aqueles que, como o próprio nome já diz, vai além da língua;

A expressão era de uso prestigiado da nobreza, quando houve a necessidade de também ser utilizada pela burguesia, a língua começou a variar de acordo com suas condições de vida. Já que o termo anteriormente utilizado para falar com pessoas importantes da monarquia é introduzido no vocabulário do povo, há um processo chamado de gramaticalização na língua, em que um termo antes empregado por determinado grupo de pessoas muda e assume um novo status de utilização, e acaba por perder sua importância quanto ao seu teor gramatical. Logo é essa a razão pela qual as formas antigas são utilizadas como frutos da norma padrão da língua e “cê” como fruto da linguagem informal e marginalizada.

Há também outros exemplos de mudança na língua, conforme a gramática de uma língua específica, no nosso caso o português. Essa variação acontece com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Que revê as necessidades de utilização escrita formal e altera questões presentes no alfabeto, regras normativas, acentuação, dentre outros aspectos considerados relevantes à escrita de nossa língua.

O professor assim como na teoria de Magda Soares no livro “Linguagem e escola” tem de mostrar ao seu aluno que existe uma sociedade, dentro dessa sociedade existe uma língua, no caso do Brasil: a língua portuguesa; e que embora haja a utilização de um mesmo idioma para nos comunicarmos, existem variações na língua que ocorrem por fatores sociais, geográficos, dentre outros determinantes que podem ser reparados em uma comparação e análise da fala.

E é aqui que entram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um documento que aborda a grade curricular do ensino fundamental e médio e serve como norte para o professor. Em língua portuguesa carece atenção os seguintes conhecimentos: “ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais”, “expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferente daquelas próprias de seu universo imediato” e “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, a discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua”

CAPÍTULO II

DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA INVESTIGATIVA

1 - ASPECTOS SOBRE A SOCIEDADE GOIANA

A sociedade goiana é uma sociedade que vive em clima tropical, sua cultura em geral se baseia na religiosidade e na tradição rural. Talvez um dos aspectos que mais chame atenção em um goiano é a linguagem utilizada pelo povo do cerrado. O jeito como se expressam é típico do seu sotaque e da forma como sua cultura está presente em seu discurso. Em uma pesquisa que aconteceu em 2009 com cidadãos goianos do ensino regular foi levantada a seguinte questão: O que é ser goiano?

Os alunos destacaram o que para eles é ser goiano. E em suas falas sobre isso eles relacionam características cristãs como: “é gostar de ajudar aos outros” e “é ser trabalhador e gentil”, “é ser compartilhador”, “é ser amigo” “é ser forte.” Para estes estudantes ser goiano é ter bons princípios, isso está muito ligado à formação religiosa, e essas opiniões apareceram em estudantes de diferentes escolas, não só na Escola Adventista, que é uma escola com princípios cristãos em que se realizou a pesquisa. Frases que são

construídas e repetidas pela sabedoria popular também aparecem como: “é ser comedor de pequi”, “é ter o pé rachado”. Eles declaram opiniões também que revelam associação cultura e cotidiano em Goiás, como: “É aproveitar as festas”, “é saber sobre a história de Goiás”, “é jogar bola e ir pra igreja”, “é comer comidas típicas”, “é fazer parte das tradições”. Ou seja, esses alunos associam a identidade à questão cultural do cotidiano, das festas, das comidas típicas, tradições e da sabedoria. (ALMEIDA, BORGES, 2009).

O jeito goiano está em como eles se expressam de forma típica. Está na entonação melódica, expressões significativas, a simbologia desse dialeto são a principal referência quando em outro estado dizem: “... mora em Goiás”; além é claro da falsa impressão de que Goiás seja uma “imensa roça”, onde as pessoas andam de cavalos e carroças. Tal ilustração é fruto da ideia que a mídia prega; é notório em novelas brasileiras o fato de que, quando um personagem “vai” para “Goiás”, a cidade tem bares, as pessoas usam roupas simples e até mesmo de cowboy, chapéu de boiadeiro e entre um carro e outro animais, como boi, vaca e cavalos passeando pela rua, como podemos observar na novela “amor de mãe”, escrita por Manuela Dias e disponibilizada pela rede globo de televisão a partir de novembro de 2019. A prole de um estigma da inércia da história goiana.

Goiás tem uma identidade cultural única, sua localização é a grande responsável por tamanha variedade. Somos centro-oeste, o coração do Brasil, um coração ligado de modo inquestionável a outros estados: Tocantins acima, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal e aquela que é o maior alvo de comparações, Minas Gerais. Temos a festa de devoção ao Divino pai eterno em Trindade, as cavalhadas, a caminhada dos carros de boi, as congadas de Catalão, a procissão do fogaréu, dentre outras manifestações; muita música, dança, moda de viola, crenças culturais, costumes. Somos o cerrado, as belezas naturais das cachoeiras de Pirenópolis e Formosa, o Rio Quente, o turismo de Caldas Novas, do amanhecer na beira do córrego, o rio Araguaia e suas “prainhas”, o pé de pequi carregado de frutos, daqueles que dá vontade de “roer até o caroço”, “o duro é us ispipim”; as festas de santos reis, as festas do doce, da melancia, do tomate, de massas, a festa da colheita, festas de peão (se tem uma coisa que o goiano aprecia é uma boa festa, com comida boa), o sertanejo, seja ele universitário ou “pós-graduado”, o que importa é contar uma história “boa demais da conta” ou cantarolar “uma boa prosa”, o rock, o pagode; o rodeio do interior, as moças bonitas que adoram pecuária, a bota de boiadeiro, a fivela e o chapéu, os bares alternativos, as noites badaladas, o samba

do barzinho da esquina, os shoppings da capital ou os edifícios e condomínios luxuosos que a região metropolitana abriga.

Pertencemos à literatura. Às poesias de Cora Coralina, às histórias de Bernardo Élis, palavras de J. J. Veiga, Hugo de Carvalho Ramos, Ana Maria Machado, Leodegária de Jesus e Darcy França.

O povo daqui é brasileiro, goiano. É filho de mineiro, de goiano, de fazendeiro, italiano, paulista, português, africano, cigano; tataraneto de índio “pegado no laço”, de boiadeiro, agricultor. Somos “sangue do sangue” de colonizadores e imigrantes franceses e holandeses, de carajás, Tapuias, de Avás-canoeiros e dos Javaés. De gente que trabalhou muito para que pudéssemos viver hoje nesse estado tão maravilhoso e repleto de riquezas culturais.

Somos nós os criadores do “Tchau Obrigado!”, protagonizado inclusive pelo jornalista goiano Matheus Ribeiro ao se despedir do público em jornais da região metropolitana. O modo de despedida do apresentador tomou tamanha repercussão entre os goianos que em uma apresentação do Jornal Nacional (uma das plataformas de notícias com maior renome no país) em que teve a honra de se apresentar representando o jornalismo goiano, demonstrou a representatividade do falar goiano com tal expressão.

No estado encontramos regularmente expressões como “Trem”, “Oh trem bão”, “Eita trem besta!”, “uai”, “caboco custoso sô”, “Cê é sambanga heim”, “Eu fico encabulado com esses goiano do pé rachado”, “espia só!”, “tem base?!”, “tem que pelejar”; a linguagem goiana é fruto de toda a herança que adquirimos hereditariamente de bisavó para neto, de pai para filho e assim por diante. Ela é prole dessa cultura, desse povo, desta sociedade que vem se formando ao longo dos anos.

A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas - esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo. De fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal. (SAUSSURE,2006)

O goiano é um indivíduo que traz consigo uma herança cultural, a vida sertaneja, músicas e culinárias interioranas, festas típicas, cidades e monumentos históricos, histórias e o nosso objeto de análise: a fala e as expressões goianas.

Estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se. (MOLLICA, BRAGA 2003).

A linguagem goiana e suas gírias, expressões e discurso serão investigados a fim de extrairmos algumas variantes presentes na fala e analisarmos sua ocorrência conforme os aspectos definidos, levando em conta o preconceito linguístico refletido sobre essa comunidade.

dizer que tal pessoa e tal grupo é inferior porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como o preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social. (COELHO,2015)

2 - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: o formulário de participantes, os áudios e transcrições das entrevistas, os registros de dados para análise, o conteúdo teórico presente nos livros presentes nas referências, porcentuais e expressões.

O primeiro passo executado foi a elaboração de uma ficha de seleção para a escolha da base de informações da pesquisa. O preenchimento dessa ficha é essencial na interpretação dos dados e reconhecimento de informações; nela observaremos os membros em potencial, de sexo feminino ou masculino, idade e grau de escolaridade, indicando se a instituição de estudo era pública ou privada. Após esse preenchimento foram marcados horários e o locais onde foram realizadas as entrevistas. Para isso, foi oferecida aos participantes a opção de responder a

entrevista por meio da plataforma teams, whatsapp, com áudios gravados no celular enviados à pesquisadora.

A entrevista é um método eficaz de observar a fala, já que a escrita reflete a norma culta observada nas escolas; e é importante que aqui sejam analisadas também as formas informais da língua presentes no discurso. Desta forma, o áudio foi importante para analisarmos a maneira como a fala do indivíduo pode ser influenciada pelo ambiente e suas características.

Com os dados em mãos, interpretamos e analisamos os resultados, indicando os níveis de ocorrências. Para cumprirmos o objetivo, serão realizados estudos de casos da sociedade goiana, em que há a observação de aspectos como: idade do indivíduo, sexo e escolarização, além do nosso principal objeto de estudo: a linguagem e a variação na fala goiana.

ENTREVISTAS

Uma entrevista deve ser planejada com prioridade, visando conhecer melhor o entrevistado e chegar ao objetivo estimado de resultados. Neste caso o objetivo é analisar o discurso dos entrevistados, extraindo dele expressões típicas da região onde moram e explorar a variação linguística presente no diálogo goiano. Entrevistador e entrevistado devem manter a clareza e situar o contexto em que estão inseridos para que o leitor e o investigador se localizem na hora da interpretação de resultados.

O próximo passo se fundamenta na escolha de seus participantes, que seguem de acordo com nossos objetivos que são: investigar expressões no dialeto goiano que variam conforme a idade, região de nascimento e de residência, sexo e escolarização. Para tal fim foram selecionados seis participantes. Dentre eles há diversificação em relação a idade, contendo idosos, adultos e adolescentes; sexo, abrangendo sexo feminino e masculino; escolarização, que integra do ensino fundamental incompleto ao ensino superior completo e localização (Goiânia, Pontalina e Senador Canedo),

mas todos, sem exceção, “goianos”, que aceitaram ser entrevistados para contar um pouco sobre suas experiências de vida, leitura de mundo e sua história.

Para podermos efetuar uma comparação entre a linguagem utilizada pelo indivíduo da capital e o indivíduo do interior, foi proposto aos participantes uma conversa informal gravada, sem interrompê-lo, na qual foram feitas perguntas diversificadas para cada um deles. De início foram elaboradas perguntas que se referiam a fatos cotidianos para o pontapé inicial da entrevista, mas ao longo da prática notamos que os entrevistados com idade superior a 50 anos não conseguiam compreender tal dinâmica. Desta forma, prosseguimos com conversas coloquiais sobre experiências de vida e histórias diversificadas.

Os participantes só irão saber que analisaremos sua fala quando a entrevista já tiver sido executada, pois isso afetaria nosso desenvolvimento durante a performance da entrevista; já que a pessoa que sabe que está sendo observada quanto a sua fala irá ter uma atenção maior ao se pronunciar, podendo utilizar uma linguagem mais culta e formal, e até mesmo ficar com receio de dialogar com o entrevistador, causando um desacordo com a proposta de analisar a língua como ela é.

O estilo de entrevista que foi utilizada na pesquisa se denomina de “entrevista semiestruturada”, na qual entrevistado e entrevistador reúnem-se em uma conversa menos cerimoniosa, mais flexível e que permite que o diálogo se estenda a partir de perguntas esquematizadas das quais derivam questionamentos que surgem a partir das respostas traçadas. Um perfil mais leal do discurso do sujeito goiano.

Portanto, a própria orientação teórica da Sociolinguística recomenda muito cuidado do pesquisador para manter-se neutro durante a interação com o entrevistado, sendo que essa precaução também deve permitir que sua presença se torne o mais natural possível dentro da comunidade estudada, para que a naturalidade do evento não seja quebrada. Fernando Tarallo (1994) aponta outros cuidados a serem tomados pelo pesquisador no momento da coleta de dados, como inserir-se na comunidade através da ajuda de terceiros; deixar claro para o entrevistado a possibilidade de inutilização da gravação, se ele assim o desejar; ajustar seu comportamento ao da comunidade em que se encontra; estabelecer critérios para a seleção de informantes e, principalmente, não deixar explícito que seu objetivo é estudar a língua. (ETTO, CARLOS, 2006)

ELEMENTOS DE ANÁLISE

Uma comunidade de fala consiste em um grupo de falantes que compartilham de um conjunto específico de princípios subjacentes ao comportamento linguístico. Após definir-se a comunidade de fala a ser analisada passa-se, então, à coleta de dados que irão formar o corpus. O corpus fornece o material linguístico a ser analisado. (CRISTÓFARO, 1999)

CIDADES

Para poder efetuar uma comparação mais completa da região goiana. Foram escolhidas seis pessoas, indivíduos que residem na capital e no interior do estado; três deles nasceram no interior de Goiás (em sua maioria em Pontalina e Senador Canedo) e os outros três nasceram na capital.

A partir das cidades e da historicidade dos indivíduos extraímos informações que contribuem com a análise referida, pois como se trata de uma investigação de domínio sociolinguístico, “o ramo da linguística que estuda a língua e a sociedade”, é necessário que conheçamos um pouco mais sobre a sociedade, cultura e o ambiente em que esse indivíduo vive, sua realidade e seu corpo social.

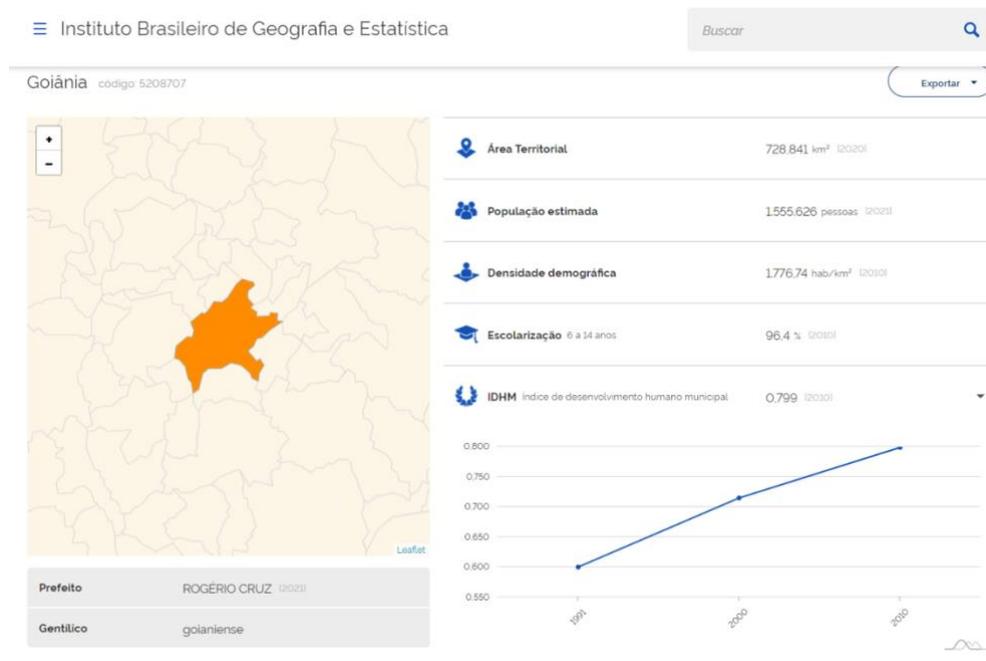
Goiânia - GO

Capital do estado de Goiás desde 1937 foi fundada próximo ao povoado de Campinas, região famosa pelo comércio na atualidade. Com mais de 1 milhão e meio de habitantes, a economia da cidade gira em torno de atividades comerciais, com a comercialização de roupas para todo o país;

Goiânia tem uma população constituída pela miscigenação de diferentes povos imigrantes de países próximos e distantes em busca de melhoria de vida; e também de migrantes de outros estados e regiões com os mesmos planos, inclusive considerada em 2013 pelo IBGE, a segunda capital que atrai mais migrantes do país.

É uma cidade grande, de clima tropical dividido em sua maioria em épocas de seca e de chuva. A educação tem um nível bem estruturado em relação ao ensino do interior (por essa razão, recebe muitos estudantes de outras cidades); conta com uma vasta oportunidade em ensino fundamental, médio e superior, sendo público ou privado.

IMAGEM 1 - TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA



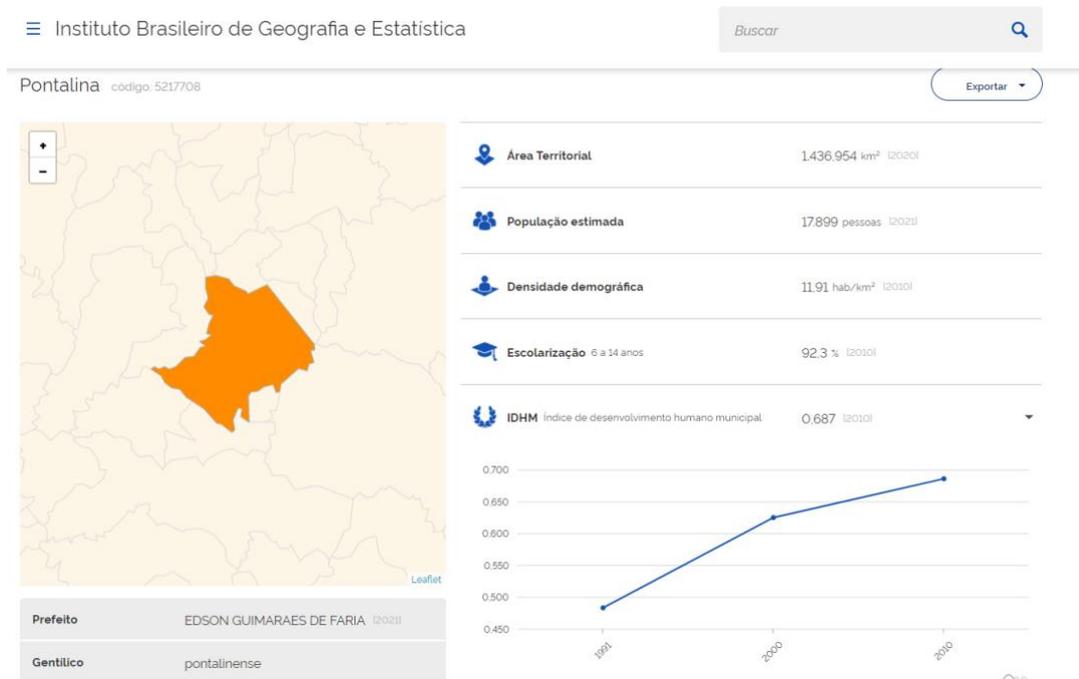
FONTE: IBGE; Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/goiania.html>.

Pontalina - GO

Pontalina é um município do interior do estado de Goiás que se localiza a 120 km da capital. O município que era propriedade de Morrinhos foi promovido a Vila e instalou-se como “Vila de Santa Rita do Pontal” em 1936. Sua origem se deu com imigrantes agrícolas e rurais, de todas as profissões que fugiam do fim da exploração do ouro em busca de estabilidade. Logo, os patriarcas pontalinenses eram de solo nacional, em sua maioria mineiros. Segundo a base de dados, o município tem cerca de 17.899 habitantes e é um dos maiores polos de confecções de moda íntima do

país. Sua economia gira em torno do comércio de peças fabricadas nessas confecções e da industrialização de produtos agrícolas e agropecuários.

IMAGEM 1 - TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE PONTALINA



FONTE: IBGE; Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/pontalina.html>.

A educação na cidade por muitas vezes fica em segundo plano. Muitos dos jovens concluem o ensino fundamental e acabam atrasando a conclusão do ensino médio ou até deixam de fazê-lo para poder trabalhar e ajudar suas famílias. Quanto ao ensino superior, é uma questão ainda mais precária. Para os jovens que têm o sonho de estudar, se formar e atuar em sua área, não há muita opção a não ser estudar em cidades como Goiânia (120 km) ou Goiatuba (73 km). Por essa razão muitos deles nem enxergam essa possibilidade, já que trabalham em horário comercial nas confecções ou nas fazendas e não possuem dinheiro e nem condições para pagar seus estudos.

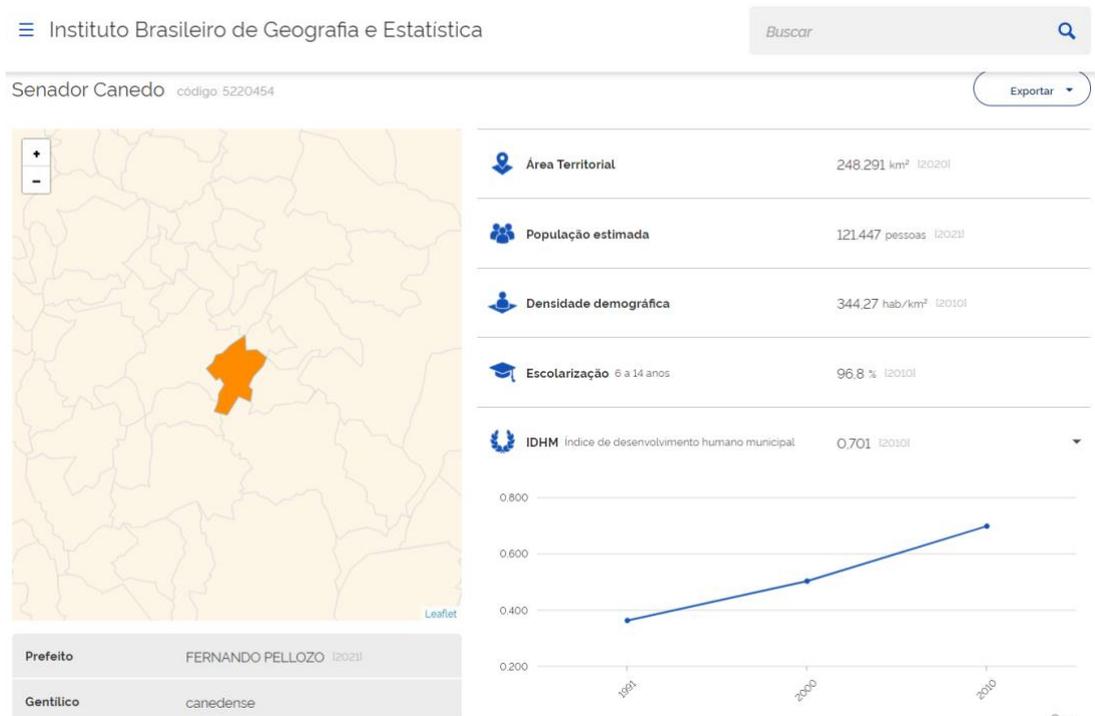
Senador Canedo - Go

Senador Canedo é um município da região metropolitana de Goiânia e se localiza a 23 km da capital do estado, com uma localização geográfica privilegiada.

Podemos dizer que Senador Canedo é uma cidade mista, teremos pessoas de estados e cidades diversas. Goianos, goianienses, canedenses, maranhenses, baianos; diversos povos, variadas linguagens e expressões típicas dessa multiplicidade cultural. Pelo seu desenvolvimento acelerado, o município chamou a atenção de muita gente; sua facilitação na compra da casa própria também é um grande atrativo. Sua origem se deu com a chegada de grandes fazendeiros e depois com a chegada da estação de trem e da ferrovia, que atraiu trabalhadores e oriundos de Minas Gerais e da Bahia.

A cidade atualmente conta com mais de 121.447 mil moradores. E a fonte de sua economia está centrada no polo de indústrias petroquímicas, sendo ele o maior do centro oeste brasileiro. Mas 48,6% dos moradores da cidade trabalham e estudam fora da cidade; esse deslocamento torna a cidade pendular e a vida de seus cidadãos mais agitada.

IMAGEM 1 - TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE SENADOR CANEDO



FONTE: IBGE; Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/senador-canedo.html>.

INTEGRANTES DA PESQUISA

As cidades foram selecionadas de acordo com a proximidade e observação de diálogos anteriormente estabelecidos em lugares de convívio da pesquisadora. Um dos aspectos mais relevantes para tal escolha foi a quantidade de expressões goianienses e goianas presentes na fala dos indivíduos de ambas as cidades.

Em geral os candidatos selecionados estabelecem propositalmente entre si uma relação, para que possamos assim investigar tanto as expressões típicas do lugar, quanto a variações dessas expressões conforme os condicionantes.

Para dar início aos seguintes estudos, iremos traçar aqui alguns dos perfis dos participantes, também disponíveis nas fichas de participação disponível em anexos para que possamos compreender e analisar melhor esse processo e as características que contribuíram para nossa investigação.

- **Capital**

- PARTICIPANTE 1/CAPITAL - sexo feminino, 14 anos, nasceu na cidade de Goiânia-GO e reside na cidade de Aparecida de Goiânia-GO. Está cursando o nono ano do ensino fundamental e toda sua vida escolar se deu em escolas particulares.

- PARTICIPANTE 2/CAPITAL - sexo masculino, 22 anos, nasceu na cidade de Goiânia-GO e reside na cidade de Senador Canedo-GO. Cursou o ensino médio por completo em escola pública. Está no sexto período do curso de graduação de Engenharia Mecânica e no primeiro período do curso de logística em uma instituição particular. Trabalha como supervisor operacional em uma transportadora.

- PARTICIPANTE 1/CAPITAL - sexo feminino, 18 anos, nasceu e reside na cidade de Goiânia-GO. Cursou o ensino médio completo em escola pública e está no

primeiro período do curso de graduação de Medicina Veterinária em uma instituição particular.

- **Interior**

- PARTICIPANTE 1/INTERIOR, sexo masculino, 80 anos, nasceu e reside na cidade de Senador Canedo -GO. cursou até o sétimo ano do ensino fundamental em instituição pública (incompleto), e não conseguiu terminar os estudos por conta do seu trabalho na fazenda. É aposentado e trabalha como pedreiro em obras pequenas da cidade.

- PARTICIPANTE 2/INTERIOR, sexo feminino, 42 anos, nasceu na cidade de Pontalina-GO e reside na cidade de Goiânia-GO há 22 anos. Concluiu o ensino médio e fez alguns cursos profissionalizantes na área de atendimento, vendas e recepção em instituição pública. Trabalha como Back Office em uma revendedora de telefonia.

- PARTICIPANTE 3/INTERIOR, sexo feminino, 60 anos, nasceu na cidade de Pontalina-GO e reside em Goiânia-GO há 21 anos. Estudou até o quinto ano do ensino fundamental em uma instituição pública. Já foi cozinheira, diarista, passadeira e faxineira sem carteira assinada na cidade onde nasceu e atualmente é do lar.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

Faremos aqui algumas reflexões e percepções acerca da pesquisa, assim como a análise de resultados, o desenvolvimento da tese, a conclusão investigativa e a inserção do conteúdo em escolas de ensino regular e sua importância para alunos e professores.

A maioria das entrevistas foram realizadas, por meio de áudios ou ligações feitas virtualmente, por essa razão foram feitas algumas transcrições, para a devida compreensão da metodologia, seguida por uma apresentação posterior das amostras recolhidas para aquisição de dados. Primeiramente analisaremos cada formulário, de modo a observar o sexo, ano de nascimento e idade, onde reside o participante, onde nasceu, escolaridade e alguns aspectos de sua vida escolar. Em seguida trabalharemos o discurso presente em cada amostra e faremos um levantamento daquilo que é relevante analisar pelo presente estudo.

Em virtude disso, abaixo podemos observar uma amostra transcrita da entrevista feita com a PARTICIPANTE 2, selecionada para o grupo referente ao interior do estado de Goiás, que foi feita online, no aplicativo WhatsApp, no dia 06/10/2021. Nela teremos a presença de alguns traços linguísticos da região onde nasceu e cresceu. Podemos verificar isso na utilização de expressões também utilizadas por sua mãe e trabalhadas nesta análise.

“Boa noite, como você está?”

Oi, desculpa agora que eu vi a mensagem. Oxi, mas tá calor hein?! Deus me livre! Cheguei agora da faxina, nossa senhora. Meu Deus do céu que tanto de calor, minha cabeça chega derrama água assim, que trem mais esquisito. Meu Deus do céu! Tô cansada. Cheguei e ainda nem tomei banho ainda, deitei aqui no sofá, tô só crio coragem para tomar banho aqui, pra descansar um poquim né. E aí comé que tá? Fora o calor, como que tá aí?

Como e onde você se imagina daqui a 5 anos?

Eita, pera aí. Há 5 anos atrás, deixôver. Eu me imagino não morando nessa casa, morando numa casa menor, mais perto da da minha irmã. Junto com a minha mãe. Eu e a minha mãe. Me imagino com um carrim bom para andar, que dá para viajar. Porque o que eu tô aqui não dá pra ir para lugar nenhum. Imagino eu, queria imaginar eu trabalhando fora da “Oi”, mas eu não consigo me imaginar não sendo auditora. Então vou tá na “Oi”, vou tá morando numa casa diferente, num bairro diferente eu e a minha mãe. E me imagino ja cum neto ou neta, que vai fim de semana para minha casa, e assim, eu e a minha mãe. Vivendo bem, passeando igual a gente gosta, no meu trabalho sendo mais tranquilo. E assim, não passar aperto financeiramente falando. Vivendo bem, com conforto, sem muita preocupação com dinheiro, ganhando bem. Isso é uma coisa assim, quase

que impossível trabalhando na “Oi”, mas tudo bem né?! E se Deus me der força em continuar com a minha faxina, que eu também gosto e que me dá um dinheirinho. E cinco anos minha filha, passando muito rápido, quando você vê já se foram cinco anos.

Onde você se imaginava a 5 anos atrás? Você realizou tudo que idealizou nessa época?

Eu não lembro onde é que eu tava 5 anos atrás. Não tenho ideia. Assim, estava morando aqui em casa com todos. Trabalhava já na “Oi”, e é isso! Vixe não sei. Com certeza não. Porque todo ano a gente pensa assim, ano que vem materialmente falando, eu vou estar com carro melhor, vou arrumar um emprego melhor ou tá melhor. Vou viajar mais. E aí o ano passa e você não fez nada. Há cinco anos atrás, em 2016, se eu não me engano, eu fiz uma viagem para Bahia com meu irmão, com a minha cunhada, minha sobrinha, minha filha... foi linda a viagem . Que eu amo o mar! já vi ele três vezes, então assim, eu acho que eu fui bem nessa época e com certeza foi uma coisa que eu idealizei e que eu consegui realizar. Mas nos demais assim, eu também não me recordo muito não, sei lá . Eu não sou muito de idealizar as coisas, eu vou vivendo. Acho que é por isso que eu não tenho nada na vida, né ?! Não tenho casa. Materialmente falando, sempre materialmente falando. Agora de vida pessoal eu me sinto tão bem. Hoje estou solteira, com a minha mãe. Não devo nada pra ninguém, não devo satisfação pra ninguém; eu acho que é isso, eu não me cobro muito nesse sentido não, “eu vou deixar a vida me levar”.

Neste trecho, contemplaremos um aspecto sociolinguístico e sociocultural observado com bastante frequência na fala dos entrevistados: o traço religioso. Por essa razão, podemos considerar incontestável a forte influência religiosa no discurso goiano. Expressões como “meu Deus”, “Deus me livre”, “nossa senhora” e “divino pai eterno” reforçam essa ideia e comprovam o vínculo entre a sociedade, o homem e a linguagem. A chegada do catolicismo na sociedade goiana nasce com a descoberta do território brasileiro, em meados do século XVI. Padres Jesuítas ensinavam aqui sobre a fé, os dogmas do catolicismo, a escrita e a leitura a partir de uma grade curricular pautada em teologia e estudos sagrados da bíblia, com o objetivo de converter os nativos que aqui já viviam e preservar a fé daqueles que para cá vieram.

A princípio, esse aspecto cultural e expressivo da fé por meio da fala do homem vem desde a era colonial. Mas a expressão “divino pai eterno” se deve especialmente a uma crença goiana que nasceu depois que um casal de agricultores encontra em um rio próximo à capital, que é chamada hoje de Goiânia e territorializada pelo

município de Trindade, uma imagem da santíssima Trindade (pai, filho e espírito santo) coroando Maria, denominada a senhora dos povos e dos céus. A partir daí, cresceram os crentes e seguidores de tal crença, assim se formaram santuários, romarias e culturas religiosas, que atraem mais de 4 milhões de devotos por ano.

“Você ainda mora na cidade onde nasceu? Me conte um pouco sobre ela.

Não, eu não moro na cidade onde eu nasci. Hoje eu moro em Goiânia - Goiás e eu nasci em Pontalina - Goiás e morei lá até os 20 anos, né. É uma cidade pequena, quando eu morava lá, era bem pequena ainda, tinha uns 13 mil habitantes. Lá todo mundo, conhece todo mundo, é aquela cidade de fofoqueiro, contava uma história no começo da cidade, no final o povo já tava sabendo da história totalmente torcida. O cara tá doente, no final das contas, ele morreu. Cidade do interior só tem fofoca, mas é uma cidade pacata. A gente vivia na rua, a gente brincava, a gente roubava fruta, a gente batia na porta e saia correndo, a gente andava descalço. Eu lembro muito, assim, de quando eu era menininha, andar descalço, de ir para minha mãe no supermercado, no bar comprar pão, sempre andava descalço. E quando a gente era mocinha, eu lembro muito de a gente ir para escola. No final de semana, sexta já saia da escola, da escola ia para praçinha, que era quase que de frente.”

Aqui, temos um fragmento da sociedade em que essa participante estava incluída. Uma cidade pequena, onde a comunicação era tão prática e recorrente, que o que acontecia no começo desta cidade não levava muito tempo para chegar ao fim. Mas, quando chegava até o receptor, que morava no fim da cidade, a mensagem já havia sido adulterada pelo discurso de outros emissores, que não aquele inicial.

Acrescenta-se que era uma sociedade “pacata”, onde os cidadãos eram mais simples, tinham a liberdade ou a precariedade de andarem descalços na rua, as crianças podiam brincar livremente, tanto que poderiam até mesmo esquecer de calçar os sapatos. Podiam interagir com as outras pessoas. Ela retrata também a sociedade que habita, hoje, a sua cidade de origem.

“Apesar de fofoqueira, era uma cidade boa, e é uma cidade hoje bem maior. Hoje não existe mais isso, conhecer as pessoas não era perigoso, você não precisava ter medo, nem precisava trancar a porta, era muito tranquila a cidade. Hoje quando eu vou lá não conheço ninguém. Aqueles menininhos

pequeninhos, tá tudo homão grandão, eu nem reconheço, eles que me reconhecem.”

Paralelamente, houve um aumento da população e com isso uma modificação na sociedade anterior. As crianças cresceram, se casaram, tiveram filhos e netos. O que causa uma estranheza quando a participante vai até lá. Outro aspecto que chama atenção no discurso da Pontalinense são as palavras no diminutivo “menininho”, “pequeninho” e também a forma como específica e dá detalhes sobre cada uma das orações que cita na entrevista. Seu discurso é apresentado de maneira informal, conforme prevíamos, e se estende bem, de forma que conseguimos imaginar como era a sociedade em que vivia, como é a sociedade em que vive agora, sua relação com sua família. Em conformidade, fizemos recortes precisos da transcrição a fim de explicarmos algumas particularidades observadas.

“O que você acha da cidade onde você mora atualmente? O que você mais gosta em viver nesse lugar?”

Ah! Eu me mudei para cá, para Goiânia há 22 anos atrás. Eu sentia muita falta de Pontalina, das pessoas de Pontalina, eu senti! Vontade de voltar. Até que eu ia para lá, ficava três meses sem vir aqui. E eu tava grávida, então sofri muito, eu queria muito ficar só lá. Só que depois que eu tive minha filha, que eu tinha responsabilidade de ir voltar para cá, de morar aqui; eu comecei a gostar de Goiânia. Hoje eu adoro Goiânia, quase não vou na minha cidade. Eu chego lá eu me sinto perdida, um peixe fora d'água. E daqui eu gosto muito, do jeito da gente viver, que eu acho assim que as coisas são mais em conta, você não tem que dar satisfação para ninguém, o seu vizinho não quer saber da sua vida, você pode sair mal arrumada que o povo não fica te olhando, você tem mais acessibilidade para ir no lugar de antes, por exemplo, eu fui conhecer Goiânia eu era velha, aqui para mim era tudo. Nossa senhora! o shopping Flamboyant, era a coisa melhor do mundo. Hoje assim, é um lugar acessível, que você vai, que você consegue comer coisas, que antigamente você não podia. Aqui para mim, em Goiânia você consegue ter as coisas, você consegue viver bem, viver no conforto e é isso eu gosto muito daqui. Nunca pensei em voltar. Não sou caranguejo, não, nunca pensei em voltar e eu gosto muito daqui. “

É nítida também a forma como há um deslize de concordância verbal em suas frases, assim como a redundância de afirmações. Isso porque a fala é uma espécie

de reprodução daquilo que o emissor pensa. Pensamento esse que ocorre de forma instantânea, e se constitui enquanto mensagem de forma coloquial.

De certo, tal fator pode ser considerado a partir da perspectiva formativa e histórica do participante. Ela conta que veio para Goiânia em 1999, quando tinha apenas 20 anos, que estava grávida, que morava de favor em uma casa com nove pessoas, que pertencia a sua avó materna. Acrescenta que a vinda para a capital trouxe mais conforto, que conseguiu conquistar muitas coisas, retrata uma realidade difícil que é trabalhar para poder sustentar a casa, com um salário pequeno como faxineira, diarista, passadeira de roupas e auxiliar de cozinha. Então há uma série de fatores que a levam para a realidade vivenciada hoje.

Em outras palavras, a linguagem formal não está tão presente em sua vida, já que concluiu o ensino médio em 2001 e fez alguns cursos profissionalizantes posteriormente no prazo de dois anos. A falta de convívio com a norma padrão estudada na disciplina de língua conseqüentemente a afasta de tal uso. Em razão disso, serão dominantes aspectos linguísticos utilizados por aquelas nove pessoas que moravam com ela, que fazem parte dessa ordem de convívio, podendo ser também pessoas do trabalho, amigos e vizinhos. Assemelhando-se à linguagem da avó, da mãe e da filha que interagiram afetivamente, culturalmente e participativamente por tantos anos.

“Seus pais, avós e tios falavam de um jeito particular? utilizavam expressões tradicionais da região onde moravam? Poderia citar algumas expressões/palavras goianas e comentar sobre algumas delas?”

Sim, sim. É umas gírias né?! Não sei como que fala, até hoje a gente fala uns trem doido. O “trem”, tem uma “coisa” que não sabe. Eu não sei, eu lembro da minha vó brigar com a gente, a gente subiu no pé de goiaba pra comer, às vezes fazer bagunça lá. Ela ficava brava, mostrava a chinela e dizia pra nós “desce daí fragelo”, aí quando nós saía assim, para brincar e não falava nada, quando voltava ela dizia “cê me dá nos nervo”, ela era brava e a mamãe até hoje fala. Ela falava, “se essa banda” pra dizer que era para uma rumo. E “demais”, “é bom demais da conta” e “bão á ufa”. A gente vai para fazenda, é roça. Quando tá na fazenda e a gente vai para cidade, é rua. “Volta aqui, você não vai para escola se você num amarrá esse cabelo”, “credo em cruz”, que tem muita coisinha que a gente fala até hoje. E palavras como “mocó”, “lonjura”, “estrupício” e “bocoíó” a pessoa que vê, fala assim “você é goiano?”.”

Esta pergunta foi inserida na pesquisa para também podermos configurar a forma como o goiano enxerga sua própria sociedade e sua própria linguagem. O que, diante disso, nos ajuda também no reconhecimento da identidade goiana. E contribui para desenvolvermos um maior número de expressões goianas.

A segunda entrevista a ser analisada foi feita com a PARTICIPANTE 1 da pesquisa, pertencente ao grupo designado a capital do estado de Goiás, composta por Goiânia e Aparecida de Goiânia. Os dados aqui explicitados foram adquiridos via aplicativo Telegram, no dia 24/10/2021. Na qual podemos constatar um discurso mais breve que o anterior, que pode ser explicado pela idade da participante, a sociedade em que se insere.

“Como e onde você se imagina daqui a 5 anos?”

Boa noite! tudo bem sim. Daqui 5 anos, eu espero tá trabalhando. Ingressando em uma faculdade do meu agrado, que me renda sucesso. Espero realmente tá morando sozinha e independente financeiramente.

Onde você se imaginava a 5 anos atrás? Você realizou tudo que idealizou nessa época?

Há cinco anos, eu me imaginava uma adolescente comum né. Uma adolescente com notas boas, tudo mais e eu acho que eu consegui realizar. Assim não completamente, porque eu acho que todo mundo coloca muita expectativa no futuro, mas eu acho que um pouquinho. Há cinco anos eu morava na mesma casa que eu moro atualmente e a minha vizinhança, apesar de eu não conhecer ela muito bem, por que eu nunca fui de conversar com meus vizinhos e tudo mais. Mas acho que tenho raízes aqui.

Você ainda mora na cidade onde nasceu? Me conte um pouco sobre ela.

Atualmente eu moro em Aparecida de Goiânia e particularmente eu adoro minha cidade, sabe!? É uma das melhores cidades para se viver no Estado de Goiás, e eu adoro a minha cidade natal. Então é a minha cidade, onde eu gosto bastante de tá vivendo. Os habitantes, têm uma maneira de falar é o que me chama mais atenção né, em todo estado de Goiás. Em Aparecida é um pouquinho menos, porque você vai conversar com as pessoas e elas tem um vocabulário mais atual agora. Se você for numa cidade do interior, você vai encontrar outras palavras que você nunca tinha ouvido falar e acho que essa seja uma característica importante do meu estado e que eu acho muito interessante.”

Em contraste com a sociedade vista anteriormente, temos uma sociedade na qual os cidadãos não interagem tão bem assim. A cidade retratada como a vida na capital é justamente a vida que a jovem retrata em suas palavras, onde a vizinhança não se comunica, por muitas vezes se conhecem apenas de vista e se seguem nas redes sociais. Na capital notamos um afastamento nas relações entre homem e sociedade, o que leva a linguagem a um patamar de utilização parental (para familiares e amigos), institucional (com a utilização da norma padrão em instituições de ensino) e expediente (utilizada no trabalho).

Não obstante, ainda que a comunicação esteja falha, ainda é possível encontrar neste vocabulário palavras típicas da região. No entanto, vale ressaltar que o sujeito da capital, em relação ao sujeito do interior, utiliza mais da linguagem padrão, que por sua vez é contextualizada aos patamares de utilização. Não que esses patamares também não existam na linguagem interiorana, onde a linguagem é mais utilizada de maneira a interagir e se comunicar livremente, por sua vez, de forma informal. Lembrando que existem exceções e a pesquisa apresentada analisa os resultados com base em apenas três regiões (Goiânia, Pontalina e Senador Canedo), uma porcentagem pequena, para não dizer mínima de nossa sociedade como um todo.

OUTRAS EXPRESSÕES GOIANAS E SEUS SIGNIFICADOS

Ao se falar de expressões goianas, é comum surgir a dúvida, “mas isso não é do mineiro?” E se na conversa houver por acaso um mineiro, a disputa começa. É uma realidade a similaridade entre o falar goiano e o mineiro. Essa característica se deve ao envolvimento desses povos em um processo de migração quando as minas exploradas, principal fonte de renda do estado de Minas Gerais fica escassa de recursos. A procura de minérios e oportunidades de vida, os mineiros se instalam em Goiás. Portanto, o goiano e o mineiro não são somente vizinhos, são família, uma mesclagem de cultura, linguagem e povos.

Entre as expressões mais comuns entre os dois povos são, “uai” - acredita-se que a expressão, que é utilizada em tom de questionamento, tenha sido originada da

interação entre os povos ingleses que para cá imigraram na região em que se localiza hoje os estados de Minas Gerais e Goiás. O termo “Why” tem carga fonética correspondente a u/a/i e significa “porque”. A hipótese é de que os nativos, ao observarem a linguagem inglesa, perceberam que ao questionar alguém, os indivíduos utilizavam a expressão, e talvez aqui tenha sido um dos pontapés iniciais para o estrangeirismo na língua portuguesa.

“Anêim” (desagrado), “tem base!?” (utilizado para questionar), “tem fundamento?”, “sambanga” (sonso, tolo), “nimin” (em mim) e o mais famoso de todos: “o trem”.

O termo “trem” é uma das grandes estrelas do dialeto goiano. Ela é utilizada constantemente para se referir a qualquer coisa, como um sinônimo de “coisa” ou “negócio”. Natália de Paula Reis aponta em seu artigo “A produtividade discursiva de “trem” no português contemporâneo falado em Goiás” que em um total de 57 ocorrências de “trem” encontradas no corpus, 47 usos corresponderam ao sexo feminino, e 14 usos, por sua vez, ao sexo masculino. Percebe-se que os dados revelam um maior índice de usos de “trem” pelo sexo feminino; que pode ser explicado pela teoria presente no livro “Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação”, de que “as mulheres parecem introduzir na língua elementos inovadores, como é a construção “trem”. (MOLLICA,1996).

Um condicionamento também apresentado por usuários do dialeto goiano é a metonímia utilizada nas expressões “rastel”, derivado da palavras rastelo, que é utilizado para retirar do solo sujeiras e impurezas, utilizados pelos goianos interioranos para se referir aos rodos para a limpeza da casa (a metonímia se dá porque ambos os utensílios têm a mesma função ;“bombril” é uma marca de palha de aço que ficou bastante famosa no Brasil nos anos 2000 e é utilizada até hoje para se referir ao produto; “gilete” é um aparelho descartável para se barbear, ficou tão famoso, que a maioria das pessoas o adotou como significado, e “binga”, citada inclusive pelo PARTICIPANTE 1 /INTERIOR, é uma modalidade de isqueiro reutilizável, que é utilizada em sua maioria por pessoas mais velhas, que tiveram acesso a elas e futuramente tiveram acesso aos isqueiros atuais, aos quais designaram, os mesmos nomes.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO REGULAR

Chegamos a um importante ponto a ser considerado na variação linguística: seu ensino. A partir do momento em que uma escola e um professor de língua portuguesa não trabalham com suas turmas a diversificação linguística presente na nossa língua, há um distanciamento dessas variações quanto ao estudo de determinada língua, podendo assim dar a entender para o aluno que nada que não esteja dentro da língua padrão, que é o que geralmente se trabalha em sala de aula, é correto. Levando ao preconceito linguístico.

Um aluno, quando falta às aulas de matemática e perde a explicação sobre a divisão de números, provavelmente nas próximas aulas terá dificuldades em se situar, sendo possível até mesmo ter um futuro déficit para compreender outras matérias que tem como base a divisão. Acontece da mesma forma quando o aluno que não aprendeu sobre a variação das línguas encara a língua portuguesa ensinada nas instituições de ensino como uma doutrina da língua falada por ele e seus familiares.

Com base nos conceitos da Teoria da Variação, primeiramente é necessário que os cursos de graduação em Letras tenham em sua grade curricular a disciplina de Sociolinguística, e que ela seja ministrada com a mesma importância que se dá às demais disciplinas que compõem esses cursos. Isso permitirá que os professores em formação tenham familiaridade com os conceitos da Teoria da Variação, permitindo a incorporação desses pressupostos teóricos e metodológicos ao pensamento linguístico atual, e contribuindo para que esses conhecimentos sejam postos em prática quando iniciarem sua carreira docente. Em segundo lugar é preciso que a ideia de homogeneidade da língua seja posta de lado pelos professores que se dedicam atualmente ao ensino da Língua Portuguesa, pois ao aceitar o fenômeno da variação como característica inerente a todas as línguas, o próprio conceito de certo e errado se torna relativo ao contexto comunicacional. Essa interpretação heterogênea da língua vai possibilitar professor entender que o uso das variações não deve ser discriminado em sala de aula, pelo contrário, elas devem servir como ponto de partida para o ensino das formas mais prestigiadas, pois provavelmente, essa transição de uma forma desprestigiada para uma forma padrão irá facilitar o processo de aprendizagem dos alunos e colaborar para a desconstrução de práticas pedagógicas monolíngues que favorecem o surgimento e ocorrência do preconceito linguístico. (ETTO, CARLOS, 2006)

Assim, de fato, a exemplificação de tais fenômenos dará ao nosso aluno uma maior visibilidade e tornará possível a compreensão de que não existe linguagem superior ou inferior. E o que justificará sua utilização será o contexto em que será inserido.

Logo é necessário que se saiba adequar a linguagem ao ambiente de utilização, que como vimos anteriormente se destaca conforme o nível de formalidade exigido pelo discurso.

Uma maneira de possibilitar o entendimento das variações linguísticas é a utilização de textos como letras de música, notícias de jornal, recursos de áudio e vídeo, e outros que mostram as variações sendo utilizadas como recurso para a construção de sentido ou como uma ferramenta para caracterizar um tipo de personagem em dada obra, que pode vir a colaborar para o despertar da consciência dos alunos no uso das variantes linguísticas e possibilitar que eles utilizem várias formas, segundo a circunstância e o contexto de comunicação. (ETTO, CARLOS, 2006)

Em uma das entrevistas, a participante mais jovem do corpo da pesquisa, estudante do sexo feminino, de 14 anos, no último ano do ensino fundamental regular, demonstra em suas palavras a percepção que tem acerca da temática e levanta pontos desenvolvidos intelectualmente a partir de um ensino em língua portuguesa que mostra ao aluno uma diversidade de linguagens em um mesmo local. Veja abaixo:

“Mas em Aparecida de Goiânia, eu não vejo muito essa fala, onde tem um r puxado, mas eu acho que as pessoas com quem convivo mais, são meus colegas. Bom, a minha família tem duas partes, a de parte de mãe e a de pai. Minha mãe, ela veio de uma cidade do interior, meu pai nasceu em Goiânia, mas alguns familiares também vieram do interior e quando eu converso, principalmente na parte da minha mãe, é que eu tenho mais contato. Eu percebo principalmente, na fala da minha vó que eu tenho mais contato, ela tem uma fala, umas expressões que me deixa muito impressionada. Como a que eu mais peço atenção, “isturdia” que significa esses dias, esses dias para trás. Sabe, eu não sabia disso, e ela falava tão naturalmente que eu nem prestava atenção direito, ficava boiando, porque eu não sabia o que que era. Então perguntei para minha mãe, e eu fiquei “meu Deus”, “como assim?” e outras expressões que eu mesmo uso, que é “agarrada”, “trem”, “jacú” e “negócio” essas coisas são coisas completamente naturais na nossa língua, de Goiás. Atualmente que mesmo morando em Aparecida, como eu disse, e em Goiânia né, são regiões que as pessoas falam mais, sem muito sotaque. Tipo, daquelas palavras, mas o interior, mas quando você vai falar com uma pessoa do interior, como da cidade que a minha família e minha mãe veio... quando você vai escutar alguma pessoa mais velha falando, é muito louco, por que você não entende quase nada do que ela fala, porque a vocabulário dela é muito diferente. Então ela falando as coisas que você mesmo não entende, às vezes vai até pesquisar, pra saber o que que é, e você fica curioso. Eu quero saber o que que ela significa. E com certeza vem com uma história

por trás dessa nossa língua, dessa nossa linguagem, da linguagem de Goiás, né!? Tanto que os mais velhos têm muito mais esse vocabulário goiano do que hoje em dia, né!? Então tanto Goiás, quanto Minas Gerais, tanto esses dois estados que são perto um do outro, estiverem uma história bem precisa, tanto que a cultura é bem parecida dos dois e a linguagem também é uma linguagem, que com certeza, tem muita a ver com a história. Como em outros, em outros estados lá no Nordeste tudo tem a ver com a história.”

Em síntese, é muito bom ver que existem professores que trabalham com tal ferramenta. E é enriquecedor que estes alunos se sintam curiosos para buscar mais sobre o tema. Que compreendam que a língua é viva e está em constante processo de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados corroboram os objetivos dispostos ao longo da investigação. Conseguimos apreciar o falar goiano, abrangendo a sociedade goiana da capital e do interior do estado e com isso apontar índices históricos e culturais retratados nas observações de dados e análises da fala. O que por sua vez expôs a sociedade em que ambos estão inseridos e a variação regional associada a oralidade.

Diante do exposto, o sujeito está condicionado a falar de maneira mais informal quando se refere a alguém que conhece e tem um maior nível de intimidade. E se distancia da linguagem formal conforme se distancia do ambiente, em que é trabalhada, sendo assim a linguagem formal trata-se de um produto desenvolvido através de seu exercício. Comprovando assim a aproximação da norma padrão com a elevação da condicionante de escolaridade.

Neste estudo, os índices mostraram que os homens possuem um nível de fala mais direto que as mulheres, seu grau de articulação de ideias, por sua vez, é menor. Embora o discurso masculino seja direto, ele possui mais variantes informais e desvios

de concordância verbal. O gênero feminino demonstra mais variantes de prestígio, mas também mais variantes regionais do estado de Goiás.

O indivíduo que é colocado a pensar, refletir, fazer uma interpretação e uma análise crítica de mundo, consegue alternar conforme o contexto em que está inserido sua linguagem e sua forma de utilizá-la.

Quanto ao condicionante etário, percebemos que quanto mais jovem o sujeito, mais breve e direto será o seu discurso, enquanto os participantes mais velhos exploraram mais aspectos externos, como a experiência de vida e sua leitura de mundo.

Foram reconhecidas algumas impossibilidades no recolhimento de dados dos participantes com idade acima de 60 anos, pois as dificuldades em compreender o dinamismo da entrevista os levaram a dar respostas curtas e questionar as perguntas quanto as suas respostas. Nesses casos foram feitos outros tipos de recolhimentos de dados para atingir os resultados pretendidos. Desta forma, recomenda-se que quanto mais velho o seu entrevistado, mais possibilidades de efetuação da pesquisa você deve disponibilizar.

A propósito, também obtivemos resultados de expressões regularmente observadas no goianês que possuem uma significância indefinida como no caso de “trem”, “coisa” e “negócio”, que se referem a “alguma coisa”.

Na medida em que observamos o discurso, encontramos palavras diferentes que se copulam e na fonética formam uma só, como por exemplo “deixôver”, “isturdia” e “Dêndapía”. Por conseguinte, nos detemos também palavras que se apresentam de forma abreviada, a forma “tô” abreviava de “estou”, “pra” de “para”, “tá” de “estar”. E então, as expressões, que ao serem desenvolvidas pela fala, segmentam, algumas letras que causam mudança vocálicas, aqui ao invés de se copularem, as expressões se reduzem, por exemplo, no caso de “criano” (criando) e “gostano” (gostando). Tais mecanismos são inerentes à oralidade.

Um teor anteriormente explicitado e bastante relevante é a religiosidade expressa por “Meu Deus do céu!”, “Meu Deus!” e “Nossa senhora!”, além é claro de palavras apontadas pelos participantes que retratam a forma como o sujeito goiano se expressa. O tom de “R” que se estende em “porta”, “carta”, “porco” e “computador”,

não importa onde o “R” esteja, é tonificado pelo falante. Palavras no diminutivo (poquim = pouquinho, carrim = carrinho, dinheirinho).

Além disso, a pesquisa também cumpre seu dever de decompor suas partes ligadas à língua e seu uso e também desenvolver a idealização sobre a identidade do sujeito goiano, sociedade e território.

Os estudantes possuem concepções do que faz parte das identidades goianas e do que é ser goiano, com base na influência da mídia, dos discursos políticos e do ensino de geografia. Eles possuem representações ligadas a esses elementos, e tem grandes dificuldades em perceber o modo de vida dos diferentes grupos em Goiás. (ALMEIDA, BORGES, 2009).

Devido à dificuldade de assimilar a sociedade goiana na realidade e a idealização mostrada pela mídia, é essencial que a escola aborde o tema em suas grades curriculares.

O professor que não apresenta aos seus alunos a variação linguística está privando-os de acesso ao conhecimento linguístico da própria nação, sendo omissos quanto ao preconceito linguístico (um assunto que atinge em sua maioria brasileiros de classe baixa e que poderia ser aplacado, ou ao menos suavizado com a ação de professores de linguagens dentro das escolas) e está indo contra os propósitos dispostos no documento oficial denominado PCN.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima. (MOLLICA, 2003).

Portanto, a sociolinguística como a área que estuda os comportamentos linguísticos de membros de uma mesma sociedade, assim como, aspectos relacionados a língua e a linguagem, como um dos mais importantes fatores de comunicação; é essencial para os estudantes que o conteúdo seja trabalhado de forma a colocar em vista a similaridade dos conceitos aos contextos de uso. Para

deixar claro a importância da língua, sua variação e sua influência quanto aos condicionantes que resultam nas variações linguísticas.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. *Para Conhecer: Sociolinguística*. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 01 fevereiro de 2015. 176.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 1996.

MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolinguística variacionista*. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, fevereiro/2003. 200 p.

MUSSALIM, F. BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 1ª edição. São Paulo: Editora Cortez 2012. 47.

SOARES, Magda; *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 160 p.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). Introdução à Linguística. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, M. G.; BORGES, J. A. Experiências com as identidades goianas no ensino fundamental de geografia. 2ª edição. Goiânia: BGG, 2009. P 199 – 211.
- BOOK, Ana Mercês Bahia; FURTADO Odair; TEIXEIRA, Trassi L. M. Psicologias: Uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.
- Brasília: MECSEF, 1998. BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: História. Brasília: MECSEF, 1998. BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Ciências Naturais.
- CARLOS, V. G.; ETTO, R. M. Sociolinguística: o papel do social na língua. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 721-739, 2017.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Goiânia. 2017. Brasil.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Pontalina. 2017. Brasil.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil. Senador canedo. 2021. Brasil.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: Sociolinguistic Working Papers, 1978, p. 43-88.
- Papalia, D. E.; Olds, S. W. (2000). Desenvolvimento humano. 7. ed. Porto Alegre: Artmed.
- PERES, Edenize Ponzo. O uso de “você”, “ocê” e “cê” em Belo Horizonte; um estudo em tempo aparente e em tempo real. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SANTOS, Leticia; 48,6% dos trabalhadores de Senador Canedo têm emprego fora da cidade. 1º edição. Goiânia: Secom UFG, 2019.
- SENRA, L. X. MIRANDA, J.B. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: Contribuições de Piaget, Vigotsky e Muturana. 1ª edição. Juiz de Fora: Portal dos Psicólogos, 2012.
- SILVA, Thais Cristófar. Fonética e fonologia do português. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1999

SLOBIN, Dan Isaac; *Psicolinguística*. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da USP.

.

ANEXOS

ANEXO 1 – ESQUEMA DE ENTREVISTA

- Bom dia!
- Tudo bem?
- onde você se imagina daqui a 5 anos?
- onde você se imaginava a 5 anos atrás?
- Você conseguiu realizar tudo que você idealizou nessa época?
- onde você morava a 5 anos atrás?
- sua vizinhança mudou muito?
- o que mudou? ou quem se mudou?
- o que você acha da cidade onde mora? poderia me contar um pouco sobre seus habitantes?
- Você ainda mora na cidade onde nasceu? poderia me contar um pouco sobre ela?
- Como é a sua família? poderia me contar um pouco sobre sua formação?
- Seus pais, avós e tios falavam de um jeito particular? utilizavam expressões tradicionais da região onde moravam?
- poderia citar algumas expressões/palavras goianas e comentar sobre algumas delas?
- Você acha que essas palavras representam de alguma forma a história do indivíduo goiano?

ANEXO 2 – PARTICIPANTE CAPITAL

Capital

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	[REDACTED]
Gênero:	Feminino
Data de nascimento e idade:	18/09/2007 14 anos
Local/Cidade:	Aparecida de Goiânia
Telefone:	(62)99016349
Endereço:	[REDACTED] - Setor Morada dos Passaros - Aparecida de Goiânia
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	- ensino fundamental incompleto
Instituição pública?	nao
Instituição privada?	sim. Do maternal até 9º ano

- INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

Sempre reside no interior da Capital Goiânia. Mas toda sua família tem origem mineira.

-> estudante.

Data de entrevista: 24/10/2021
Local de entrevista: App Telegram

Digitalizado com CamScanner

ANEXO 3 – PARTICIPANTE CAPITAL

Capital

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	[REDACTED]
Gênero:	masculino
Data de nascimento e idade:	12/05/1999 22 anos
Local/Cidade:	Goiânia - GO
Telefone:	(62) 8276 2726
Endereço:	[REDACTED] Jardim Bonafide III Semáforo Corado - GO
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	- ensino médio completo - ensino superior incompleto
Instituição pública?	Sim: toda vida acadêmica
Instituição privada?	Não

• INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

<ul style="list-style-type: none"> - nascido e criado na capital (Goiânia) - goianoense - mora em Jardim Corado. <p style="text-align: right;">- Supervisor geral Word, Excel e des- copa.</p>

Data de entrevista: 22/10/2021

Local de entrevista: App Whatsapp

ANEXO 4 – PARTICIPANTE CAPITAL

Capital

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	[REDACTED]
Gênero:	Feminino
Data de nascimento e idade:	11/01/2003 18 anos
Local/Cidade:	Goiânia-GO
Telefone:	(62) 991015342
Endereço:	José - Goiânia-GO Setor São
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	- ensino médio completo
Instituição pública?	sim! toda a experiência escolar.
Instituição privada?	nao.

• INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

- nasceu e cresceu em Goiânia e 50% de sua família é da capital e os outros 50% afirmaram que mudaram-se para Goiânia.

→ estudante.

Data de entrevista: 21/10/2021

Local de entrevista: App whatsapp

Digitado com CamScanner

ANEXO 5 – PARTICIPANTE DO INTERIOR

interior

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	[REDACTED]
Gênero:	Feminino
Data de nascimento e idade:	22/04/1979 41 anos
Local/Cidade:	Pontalina - GO
Telefone:	(62) 9 9287 2234
Endereço:	[REDACTED] Sítio União
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	- ensino médio completo
Instituição pública?	sim! durante toda a vida escolar
Instituição privada?	não

• INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

- nasceu e morou no interior de Goiás (Pontalina - GO) e aos 20 anos mudou-se para capital.
 - residente em Goiânia há 21 anos!
 - Goiânia - Pontalinense.

→ Atendente em telecomunicações

Data de entrevista: 15/10/2021
Local de entrevista: App. Whatsapp.

ANEXO 6 – PARTICIPANTE DO INTERIOR

4/15/2021

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	[REDACTED]
Gênero:	Feminino
Data de nascimento e idade:	28/05/1961 60 anos
Local/Cidade:	Pontalina - GO
Telefone:	(62) 9412 0480
Endereço:	[REDACTED] São Vinícius Goiânia - GO
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	- ensino fundamental incompleto
Instituição pública?	sim
Instituição privada?	nao

• INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

- nasceu em meio rural, frequentou a escola para todos localizada na fazenda;
 - mudou-se para cidade de Pontalina, no interior;
 - E com 40 anos mudou-se para Goiânia, a capital do estado. Onde vive até hoje.
 - Goiânia - Pontalina
 → Dama de casa.

Data de entrevista: 15/10/2021
 Local de entrevista: App whatsapp

ANEXO 7 – PARTICIPANTE DO INTERIOR

FICHA / PARTICIPANTES

Nome:	
Gênero:	Masculino
Data de nascimento e idade:	20/02/1941 60 anos
Local/Cidade:	Senador Canedo
Telefone:	052 994059529
Endereço:	[Redacted] - Vila Galvão Senador Canedo
Estado de residência:	Goiás
Escolaridade:	Ens. fund. completo
Instituição pública?	Sim
Instituição privada?	Não

• INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

- Garimpeiro nas minas de minérios locais
 - Serviço de exercício e aquisição de manutenção
 e trabalhos para usinas de petróleo da região.
 - Aposentado

Data de entrevista: 19/10/2021
 Local de entrevista: Vila Galvão - Sen. Canedo - GO